



UNIVERSIDADE FEDERAL DO AMAZONAS
FACULDADE DE PSICOLOGIA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA

O Uso da Fotografia para Promoção de Saúde Mental de Trabalhadores da Saúde

ALEXANDRE CAVALCANTE DA SILVA

MANAUS – AM
2023

ALEXANDRE CAVALCANTE DA SILVA

O Uso da Fotografia para Promoção de Saúde Mental de Trabalhadores da Saúde

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Psicologia – PPGPSI, da Universidade Federal do Amazonas, como requisito para defesa de mestrado.

Linha de Pesquisa: Processos Psicológicos e Saúde.

ORIENTADOR: PROF. DR. RONALDO GOMES SOUZA.

**MANAUS – AM
2023**

Ficha Catalográfica

Ficha catalográfica elaborada automaticamente de acordo com os dados fornecidos pelo(a) autor(a).

S586u Silva, Alexandre Cavalcante da
O uso da fotografia para promoção de saúde mental de
trabalhadores da saúde / Alexandre Cavalcante da Silva . 2023
62 f.: il. color; 31 cm.

Orientador: Ronaldo Gomes Souza
Dissertação (Mestrado em Psicologia) - Universidade Federal do
Amazonas.

1. Ressignificação. 2. Trabalhadores da saúde. 3. Fotografia. 4.
Psicodinâmica do trabalho. 5. promoção da saúde. I. Souza,
Ronaldo Gomes. II. Universidade Federal do Amazonas III. Título

*Dedico esta dissertação a minha mãe, **Maria da Paz de Almeida Cavalcante**, nordestina guerreira que sempre esteve ao meu lado em todos os momentos e me aceitou quando a única escolha que eu fiz foi ser eu mesmo.*

AGRADECIMENTOS

Ao longo do desse percurso, recebi o apoio e incentivo de muitas pessoas. Ingressar no Mestrado em Psicologia pela UFAM era um sonho antigo, que já vinha sendo alimentado desde a graduação. Por isso agradeço em primeiro lugar a **Deus**, que me ajudou a realizar todos os meus sonhos desde que enxerguei o conhecimento como oportunidade de crescimento.

Agradeço ao meu orientador, **Prof. Dr. Ronaldo Gomes Souza**, por toda paciência ao corrigir meus textos e jamais ter me deixado na mão. Mesmo repleto de outras responsabilidades, mergulhou comigo nessa pesquisa e sempre demonstrou muita sensibilidade para reconhecer os benefícios da arte na saúde mental das pessoas.

A minha mãe, **Maria da Paz de Almeida Cavalcante**, por suas histórias no sertão do Nordeste que sempre me levaram à superação. Por sempre me incentivar a buscar o caminho do aprendizado para conquistar meu conforto.

A minha irmã, **Adriana Cavalcante da Silva**, que sempre foi uma inspiração em determinação e conquista através dos estudos. Sinto que os desafios enfrentados no Mestrado só nos aproximaram.

In Memoriam agradeço ao meu querido pai, **Ivan Barros da Silva**, que carrego para sempre em meu coração.

Não poderia deixar de agradecer ao meu namorado, **Gelson Pinheiro de Lima**, por estar comigo nos momentos de alegria e tristeza. Por acreditar em mim como psicólogo, fotógrafo, me amar e criar gatinhos comigo.

Agradeço também ao meu melhor amigo, **Flavio Fabian Costa Magalhães**, por todas as nossas conversas, lealdade e ajuda desde os anos da faculdade.

Jamais deixaria de fora os meus bichinhos de estimação, os gatos: **Aaron, Pom Pom e Gael**. Eles animam a minha casa e seu amor é combustível para minha dedicação diária.

RESUMO

Os trabalhadores da saúde pública no Brasil estão sujeitos ao adoecimento somático, psíquico, sofrimento e fragilização do funcionamento mental, problemas muitas vezes relacionados às condições do ambiente de trabalho, razão pela qual a implementação de projetos de intervenção em unidades de saúde serve como força motriz para a promoção da saúde mental no trabalho. O uso de ações que envolvam artes visuais como a fotografia apresenta resultados positivos na ressignificação do sofrimento, promoção da saúde mental, fortalecimento de vínculos e sentimento de pertencimento entre os trabalhadores, porém carecem de dados teóricos que justifiquem e consolidem a fotografia como uma ferramenta poderosa para a elaboração de estudos que envolvem o conforto físico e mental dos trabalhadores da saúde. Desta forma, o presente estudo objetivou realizar uma pesquisa bibliográfica de caráter descritivo, utilizando o método qualitativo de cunho ensaístico para compreender as dinâmicas de sofrimento enfrentados pelos trabalhadores da área de saúde pública brasileira, propôs a fotografia como ferramenta de promoção de saúde mental e qualidade de vida destes trabalhadores, analisou teoricamente o potencial da fotografia como ferramenta para a ressignificação do sofrimento e prevenção do adoecimento mental no trabalho para trabalhadores da saúde e contextualizou os trabalhadores da saúde e o contexto de trabalho hospitalar. Foi realizado um levantamento e análise de dados teóricos sobre fotografia, arteterapia e saúde mental em trabalhadores da saúde pública sob uma perspectiva organizacional, respeitando vivências dos trabalhadores sem ignorar as questões hierárquicas e linhas de tensão existentes na realidade hospitalar na BVS Psicologia Brasil e no DeCS/MeSH, bem como Periódicos CAPES/MEC, Periódicos Eletrônicos em Psicologia, ScientificElectronic Library Online, Literatura Latino Americana e do Caribe em Ciências e no próprio Google Acadêmico, mas não foram encontrados resultados que abordassem estes termos em conjunto, evidenciando o caráter pioneiro deste estudo. Também foi proposta uma metodologia que concebesse a fotografia como ferramenta para a ressignificação do sofrimento dos trabalhadores da saúde, vinculando experiências pessoais do autor com as análises técnicas sobre o uso da fotografia durante períodos de elevado estresse físico e mental. Com base nos resultados obtidos, identificou-se um interesse da literatura pelos benefícios da arteterapia na expressão corporal, características emocionais e afetivas das pessoas. O presente estudo trouxe a contribuição de utilizar a fotografia como um dos meios para reconhecer a importância dos serviços de atenção primária e reforçar o quanto a saúde está associada com a promoção de espaços de construção dialógica para proporcionar motivação espontânea na psique dos trabalhadores de hospitais. Foi possível reconhecer a potência da fotografia como instrumento de ressignificação das fontes de sofrimento e adoecimento dos trabalhadores da saúde, estimulando discussões relevantes sobre igualdade, valorização profissional e convivência saudável no trabalho.

Palavras-chave: Ressignificação, trabalhadores da saúde, fotografia, psicodinâmica do trabalho, promoção da saúde.

ABSTRACT

Public health professionals in Brazil are subject to somatic and psychic illness, suffering, and fragility of mental functioning, often due to the conditions of the work environment, which is why the implementation of intervention projects in health units serves as a driving force for the promotion of mental health at work. The use of actions that involve visual arts such as photography presented positive results in the re-signification of suffering, promotion of mental health, strengthening of bonds, and a sense of belonging among workers, but the lack of theoretical data that justifies and consolidates photography as a powerful tool for the elaboration of studies involving the physical and mental comfort of health professionals. In this way, the present study aimed to carry out bibliographical research of a descriptive nature, using the qualitative method of essayistic nature to understand the dynamics of suffering faced by Brazilian public health workers, who learned photography as a tool to promote mental health and quality of life. We analyzed the theoretical potential of photography as a tool for re-significate the suffering and prevention of mental illness at work for health professionals and contextualized health professionals in the context of the public hospital work. A survey and analysis of theoretical data on photography, art therapy and mental health in public health workers was carried out from an organizational perspective, respecting the workers' experiences without ignoring the hierarchical issues and lines of tension existing in the hospital reality in the BVS Psicologia Brasil and in the DeCS /MeSH, as well as Periodicals CAPES/MEC, Periodicals Electronics in Psychology, ScientificElectronic Library Online, Latin American and Caribbean Literature in Sciences and Google Scholar itself, but no results were found that addressed these terms together, evidencing the pioneering nature of this study. A methodology was also proposed that conceives photography as a tool for redefining the suffering of health professionals, linking the author's personal experiences with a technical view of the use of photography during physical and mental stress. Based on the results obtained, we identify an interest in the literature on the benefits of art therapy on body expression on people's emotional and affective characteristics. The present study brought the contribution of using photography to recognize the importance of primary care services and to strengthen how much health is, associated with the promotion of dialogic construction spaces to provide spontaneous motivation in the psyche of hospital workers. It was possible to recognize the power of photography as an instrument for re-significate the sources of suffering and illness in the work of health professionals, stimulating relevant reflections on equality, professional preservation, and healthy coexistence at work.

Keywords: Re-signification, health professionals, photography, work psychodynamics, health promotion

“Qualquer ser humano, em qualquer parte do mundo, irá florescer em cem talentos e capacidades inesperadas, simplesmente por lhe ser dada a oportunidade de o fazer”.

Doris Lessing – Ganhadora do Prêmio Nobel de Literatura 2007.

SUMÁRIO

Introdução	1
Objetivo geral	6
Objetivos específicos	7
Questões de pesquisa	7
Justificativa	7
Justificativa pessoal	8
Justificativa acadêmica	9
Justificativa social	10
Capítulo 1: O trabalho dos trabalhadores da saúde: caracterização e desafios no hospital	10
Capítulo 2: Sofrimento e adoecimento mental do trabalho	13
Capítulo 2.1. Sofrimento e adoecimento mental do trabalho dos trabalhadores da saúde	15
Capítulo 3: Prevenção do adoecimento	21
Capítulo 3.1. Arte e ciência: fotografia e saúde mental	25
Capítulo 4: Método	29
Capítulo 5 - Sugestão metodológica do uso da fotografia na organização hospitalar	31
5.1. A potência da fotografia para projetos e ações nos hospitais	31
5.2 A Fotografia entra no Hospital	39
5.3 Orientações metodológicas do uso da fotografia no contexto hospitalar: propósitos e procedimentos	44
Considerações finais	51
Referências	55

Introdução

O Brasil vem passando por mudanças organizacionais, industriais e epidemiológicas que evidenciam o adoecimento mental de trabalhadores da saúde. A partir da relação entre trabalho e sofrimento psíquico, é possível compreender de que maneira a organização do trabalho pode apresentar-se como fragilização do funcionamento psíquico do indivíduo e evidenciar a necessidade de projetos de intervenção nas unidades de saúde para promoção de saúde mental no trabalho.

As mudanças geradas pelo globalismo envolvem a existência de um mundo hiper visual através das mídias digitais. Diariamente somos bombardeados com fotos e elas passaram a ser um instrumento de comunicação ao carregarem significados. A presente dissertação tem como foco analisar teoricamente o uso da fotografia como ressignificação do sofrimento e promoção de saúde mental no trabalho para trabalhadores da saúde, investigando de que forma a fotografia pode contribuir para a saúde mental no trabalho.

A princípio, é necessário reconhecer as especificidades das categorias profissionais e sua diversidade de classe social, função e contribuição. Dentre os trabalhadores da saúde, há profissionais que geralmente são esquecidos pela literatura especializada, como maqueiros, seguranças, administrativa, recepção, equipe de limpeza, manutenção, terceirizados, entre outros. Logo, durante a presente dissertação a expressão “trabalhadores da saúde” engloba as equipes multi e interdisciplinares dos trabalhadores que atuam nas unidades hospitalares.

Para Vasconcelos e Faria (2008), os trabalhadores da saúde não estão imunes aos efeitos da globalização e da abertura econômica. Seus desafios estão relacionados ao aumento do número de doenças físicas, mentais e psicossomáticas, justificadas por precarizações de contratos e relações no trabalho, captura da subjetividade, sobrecarga e falta de reconhecimento (MONTEIRO *et al.*, 2022).

A relação paradoxal entre trabalho e doença permeia a necessidade de estudos sobre o quadro de saúde, com destaque à saúde mental, e organização do trabalho no campo da saúde. Apesar de haver matérias jornalísticas que exploram a necessidade de cuidados em saúde mental para com aqueles que cuidam da saúde dos outros, usando certos programas com atividades lúdicas e psicossociais (MERTELLET, MOTTA e CARPES, 2014; SILVA *et al.*, 2021), não foram encontradas pesquisas acadêmicas no

Brasil que usaram fotografia como ressignificação do sofrimento ou enquanto promoção de saúde desses trabalhadores.

Mariano Junior (2017) propõe que a arteterapia, o uso terapêutico de manifestações artísticas no cuidado de áreas neurológica, cognitiva, afetiva e emocional de forma integrada, possa ser usada como um dispositivo de cuidado para pessoas em sofrimento psíquico. Jacques (2007) aponta que a contribuição do ambiente profissional para a saúde mental não é um fenômeno isolado, isso está ligado à exposição a agentes tóxicos ou fatores específicos. O autor exemplifica: transtorno mental, episódios depressivos, estado de estresse pós-traumático, síndrome do esgotamento profissional ou síndrome de Burnout resultante de situações desgastantes frente às dinâmicas do trabalho.

O trabalho pode ser fonte de prazer ou sofrimento a depender dos resultados do embate entre indivíduo e organização trabalhista. Neste sentido, a Psicodinâmica do Trabalho é uma abordagem científica que pode contribuir com estudos sobre a saúde mental dos trabalhadores através da interrelação entre trabalho e psicopatologia. É uma perspectiva potente por abranger aspectos do dia a dia dos trabalhadores, como a atuação de forças, invisíveis e visíveis, subjetivas e objetivas, psíquicas, sociais, política e econômicas que constituem as complexidades e movimentos no trabalho (MENDES, 2007).

Ressalta-se que é importante questionar que saúde não é ausência de doença. Ribeiro *et al.* (2011) esclarece que a ausência de saúde mental não significa que a organização do trabalho seja/esteja saudável. Saúde é um construto multidimensional. O trabalho é como uma realidade objetiva e subjetiva do sujeito. Ele dita o lugar do cidadão na estrutura social e quanto mais desvalorizado é seu trabalho mais elementos corroboram para que a expressão da sua forma de ser e existir no mundo seja limitada.

No contexto hospitalar, onde os trabalhadores da saúde enfrentam casos de adoecimento somático e psíquicos a partir de situações do próprio trabalho e das diferentes interações humanas que ocorrem ao longo da jornada de trabalho diária, são comuns casos de ansiedade, estresse, fadiga mental, neuroses, Burnout, dentre outras enfermidades que se intensificaram em 2020, com o início da pandemia de Covid-19, que continua a reverberar suas consequências na saúde pública e na saúde mental de trabalhadores da área. Consoante ao observado no estudo de Mattos, Pereira e Gomes (2022), verificou-se que, além do fato de que os trabalhadores da saúde foram gravemente afetados, pelo menos 40% dos brasileiros durante a pandemia se sentiram

deprimidos ou tristes. Enquanto o restante frequentemente manifestou nervosismo e ansiedade.

Sobre o cotidiano dos trabalhadores da saúde, tem-se que a atividade é aquilo que se faz, enquanto a tarefa é aquilo que deve ser feito. Para Osório (2006), existe uma distância entre o que é prescrito e o que é realizado, entre o ideal e o que pode ser captado nas instituições hospitalares. Nesse sentido, a rotina geralmente acontece da seguinte maneira: os agentes administrativos auxiliam na organização de prontuários, marcação de exames, transcrição e encaminhamento de prescrições entre setores; o serviço social atua nas relações entre paciente, família e visando sanar dificuldades que a internação possa causar à vida social do paciente. O enfermeiro determina a divisão de tarefas entre auxiliares, realiza procedimentos e organiza o posto de enfermagem. O serviço de nutrição prescreve dietas com base na solicitação dos médicos, controlando e fiscalizando o preparo alimentações da unidade, geralmente com o trabalho de outra instituição terceirizada para a equipe da cozinha com seu próprio profissional da nutrição também. Os médicos prescrevem procedimentos diagnósticos e tratamento, delimitando a trajetória do paciente dentro da unidade. O serviço dos técnicos em enfermagem é dividido ao longo das enfermarias para executar ações assistenciais de enfermagem observando sintomas do paciente, realizando curativos, administrando medicações, dentre outras funções tão imprescindíveis quanto às citadas, está o trabalho do setor de contas médicas, a diversidade de especialidades da medicina, o trabalho de fisioterapeutas e dos demais setores (limpeza, manutenção, segurança...), (OSÓRIO, 2006).

Retomando os aspectos de saúde-doença no trabalho, torna-se relevante ressaltar a presença de questões anteriores ao adoecimento. De acordo com Mendes (2007), a literatura destaca os seguintes fatores de risco: intensificação do trabalho, pressão para produção, pausas fictícias nas quais não há pausa de fato do trabalho, tarefas monótonas e repetitivas. Sendo que a existência de uma rede de não-reconhecimento do sofrimento também contribui para o descrédito e desprazer dos trabalhadores. No contexto da pandemia, situações como o estresse diante do enfrentamento de uma doença desconhecida e a atuação na linha de frente na batalha pela vida que se desenvolveu nos hospitais, muitos trabalhadores se encontraram exaustos física e mentalmente. Segundo Mattos, Pereira e Gomes (2022), o sofrimento psicológico durante a pandemia pode ser amplificado, havendo uma tensão política, econômica e social que levam à escassez de recursos comunitários. Além disso, o estudo critica a patologização da vida e o modelo

psiquiátrico tradicional de medicamentação, por isso a necessidade de dar voz aos que vivenciam sofrimentos no trabalho, presenciando o desmonte da saúde pública e da proteção social, que também levam ao adoecimento psíquico.

Faz-se necessário dar visibilidade e prevenir tais adversidades. Certo que fontes de sofrimento potencializam adoecimento individual e/ou coletivo, é importante apontar práticas discriminatórias de estigmatização e de exclusão que permitem a enunciação de determinadas doenças. Nesse processo, no âmbito institucional, há situações políticas de abuso de poder e resistência, falta de recursos diante de políticas públicas que não atendem as demandas individuais e coletivas da unidade hospitalar, questões econômicas como a compra e consumo abusivo de medicações antidepressivas pelos profissionais e desvio de recursos financeiros da saúde (BRANT e MINAYO-GOMES, 2004).

Mendes (2007) retrata a questão de uma descompensação psíquica e somática do trabalhador diante do mal-estar vivido, na qual esforço e recompensa são desproporcionais. Porém o trabalho também exerce um importante papel no desenvolvimento da autorrealização, sociabilidade e emoções humanas, sendo considerado como um dos principais valores de sua construção como indivíduo, contribuindo para a obtenção de renda e sustento, estabelecimento de metas de vida e permitindo a demonstração de ações e habilidades que contribuem para o desenvolvimento identitário humano (NEVES *et al.*, 2018).

O local de trabalho pode ser um local de reconhecimento profissional, valorização profissional e fonte de felicidade, satisfação e bem-estar quando apresentam efeitos positivos ao indivíduo que escolhe livremente uma atividade produtiva que lhe gere satisfação e bem-estar (FREUD, 1975). Entretanto, quando o trabalhador não percebe reciprocidade por parte de seus colegas e coordenações, são comuns os casos de solidão e sofrimento que terminam por causar um deterioramento da relação homem-organização, contribuindo para o surgimento de adoecimentos que impactam diretamente na felicidade e qualidade de vida do trabalhador (DEJOURS, 2015).

Para Mendes (2007) a promoção de saúde mental no trabalho acontece quando este fornece uma vivência de prazer a partir de estratégias de defesa individuais e coletivas para a manutenção da saúde, fazendo com que surja uma importante ferramenta de sobrevivência: a ressignificação. A autora também observa que a ressignificação permite que o trabalhador transforme situações geradoras de sofrimento em situações geradoras de prazer, com os trabalhadores subvertendo os efeitos prejudiciais do trabalho.

Em termos sociais e político-econômicos, o Sistema Único de Saúde (SUS) enfrenta um complicado processo de precarização da força de trabalho, cada vez menos concursos públicos, terceirização da mão de obra, subfinanciamento, ameaças de privatização da saúde e reorientação das políticas de saúde. Portanto, é indispensável analisar a promoção de saúde a partir de um “SUS real”, com a necessidade de as instituições estatais lidarem com o reflexo de problemas crônicos econômicos na cobrança por maior produtividade e consequentes efeitos sob o psicológico dos trabalhadores do campo da saúde. Por isso a importância de estudar diferentes ferramentas para auxiliar a liberdade de expressão de trabalhadores, valorização da subjetividade e elaboração de problemas emocionais (TEIXEIRA *et al.*, 2020).

Ao longo dos séculos, a arte esteve presente na história humana, servindo de diferentes funções socioculturais, usando linguagens de comunicação, simbolizando o concreto/real, na elaboração e expressão de múltiplas ações e sentimentos. Para Mariano Junior (2017), a arte é uma demonstração poderosa do inconsciente de cada um. Através da arte, há a possibilidade de demonstrar reações que geralmente seriam suprimidas na rotina, contendo um poder de cura para expressar sentimentos. Por isso muitos artistas utilizaram a arte para libertarem-se de suas próprias prisões mentais estabelecidas por problemas psíquicos. E essas concepções vão ao encontro direto da proposta deste estudo e corroboram com Mendes (2007) e Dejourns (2015) de encontrar estratégias mais criativas e saudáveis para desconstruir, construir e reconstruir as dinâmicas da organização do trabalho. Portanto, entendendo o ato de fotografar como uma manifestação artística, defende-se a possibilidade do uso da fotografia para ressignificar o sofrimento/adoecimento e promover mais prazer/saúde no trabalho.

Mariano Junior (2017) ressalta até mesmo a contribuição da arte para a psicanálise, sublimando desejos sexuais e impulsos intuitivos que não poderiam ser satisfeitos na vida real. E o quanto as pessoas possuem a capacidade de configurar imagens e ideias através de símbolos, que isso já havia sido trabalhado pela psiquiatra Nise da Silveira, em 1956, com pacientes psiquiátricos. Prudente (2012) descreve a fotografia como uma relação de passagem com o tempo, o presente em constante atualização reflete o olhar da fotografia como um ponto de vista com perspectiva e sentido. A fotografia é como um código visual, amplificando as ideias do que vale à pena ser visto, refletido e interpretado.

As imagens são parte indissolúvel da sociedade contemporânea. As imagens podem ser uma eficaz ferramenta de expressão para a realidade dos trabalhadores do

campo da saúde, mobilizando para a elaboração de emoções como o luto, pertencimento a um lugar e parceria, valorizando o coletivo como fundamental para a resistência dos trabalhadores a rotina intensa de serviço e incentivando a valorização de laços de solidariedade entre os pares (SILVA, 2020).

Meneghetti (2011) defende que a separação entre arte e ciência é irreversível. E o presente trabalho almeja analisar a fotografia como expressão artística para promoção de saúde mental de trabalhadores no campo da saúde. Logo, a pesquisa bibliográfica, enquanto perspectiva teórico-metodológica, de abordagem qualitativa, apresentou-se apropriada para compreender a fotografia como instrumento de apreensão da realidade e ressignificação de sofrimentos no trabalho e promoção de saúde. Não somente porque não foram encontradas pesquisas com a articulação intencional com os conceitos que intitulam essa dissertação, mas pela possibilidade de poder ler, interpretar, comparar, corroborar e aprofundar, de forma crítica e reflexiva, sobre a interação dos temas.

Portanto, trata-se de uma dissertação teórica, com o método de pesquisa bibliográfica, para contemplar a interação da subjetividade com a objetividade, em um formato mais próximo de um ensaio teórico. Meneghetti (2011) defende que o ensaio teórico abrange reflexões profundas sem estarem dominadas pelos tradicionalismos da ciência, buscando articular várias fontes de pesquisa e encontrar outros caminhos teóricos, elaborando novas perguntas e possibilitando a propostas de novas práticas na academia. O autor defende também que há uma concepção histórica de que os ensaios quebram a lógica esquemática e sistemática da ciência, aproximando-se muito mais da capacidade reflexiva para compreender a realidade. Os temas sobre o sofrimento na organização do trabalho no campo da saúde foram enriquecidos com o aporte teórico da psicodinâmica do trabalho. Partindo da análise do hospital como um local onde acontece o fenômeno saúde-doença, uma microrrealidade na qual os trabalhadores da saúde estão mais propensos ao adoecimento físico e mental.

Objetivos

Objetivo geral

Realizar análises teóricas sobre o uso da fotografia como possível ressignificação do sofrimento e promoção de saúde mental no trabalho para trabalhadores da saúde, em

prol da construção de novas práticas de pesquisa e intervenção no contexto organizacional hospitalar.

Objetivos específicos

- Contextualizar os trabalhadores da saúde e o uso da fotografia e suas potencialidades no processo de ressignificação do sofrimento e promoção de saúde mental no contexto organizacional hospitalar;
- Propor orientações metodológicas para defender a fotografia como meio de ressignificação do sofrimento e promoção de saúde mental para trabalhadores da saúde.

Questões de pesquisa

Para tanto, tem-se as seguintes perguntas de pesquisa:

- Qual o potencial da fotografia como instrumento de ressignificação das fontes de sofrimento e adoecimento no trabalho dos trabalhadores da saúde?
- Como a fotografia pode ser um recurso de promoção de saúde mental no trabalho dos trabalhadores da saúde?

Justificativa

Durante a pandemia de Covid-19, a realidade de milhões de brasileiros foi transformada, assim como a rotina dos trabalhadores da saúde, os quais se destacaram na linha de frente do combate ao novo coronavírus. Surgiu, então, a necessidade de mais leitos, equipamentos de proteção individual adequados, implantação de salas destinadas ao tratamento específico de Covid-19, preparação de recursos humanos, medicamentos e insumos, além de uma intensa reorganização do fluxo hospitalar.

Segundo Teixeira *et al.* (2020), os trabalhadores da saúde enfrentaram sérios problemas durante a pandemia como a ausência de vacinas, isolamento social, exposição intensa ao novo coronavírus, elevada demanda de atendimentos. Esses desafios estão relacionados às condições de trabalho geralmente inadequadas. Os trabalhadores da saúde pertencem a um grupo de risco cuja força de trabalho é heterogênea, composta por

trabalhadores de diversas áreas como: administrativa, assistência social, enfermagem, fisioterapia, nutrição, enfermagem e medicina.

Optou-se por focar em trabalhadores da saúde pois, de acordo com Fernandes (2014), os trabalhadores do campo da saúde apresentam elevado risco ocupacional, incluindo estresse e depressão por lidar com situações críticas de outras pessoas em seu próprio dia a dia. A pandemia intensificou estes fatores, revelando níveis crescentes de sofrimento no trabalho pelos riscos psicossociais após o isolamento social, os trabalhadores da saúde estavam mais sujeitos à contaminação por trabalharem em hospitais e, além disso, presenciaram o adoecimento de colegas, o risco de levarem doenças para seus lares no retorno ao trabalho e a necessidade de se manterem firmes nos plantões devido ao fluxo contínuo de pacientes internados.

O contexto organizacional hospitalar comporta valores e tradições, não sendo possível simplesmente transpor um modelo clínico para ele. Por isso a importância de trabalhar com novas ferramentas para um processo de humanização e bem-estar para os trabalhadores. Uma imagem possui a complexa capacidade de representar mensagens através de pixels. No mundo hipervisual moderno, não é mais possível ignorar a fotografia como um veículo de expressão individual e coletiva.

Hipoteticamente, a fotografia de trabalhadores da saúde tem o potencial de promover saúde mental através do sentimento de pertencimento a uma unidade, fortalecer vínculos e proporcionar visibilidade àqueles que há décadas se sentem esquecidos ou desprestigiados. Valorizar trabalhadores é uma maneira de minimizar a desigualdade das relações de poder, ressaltar o coletivo, resgatar a importância da autoimagem em um período no qual profissionais perderam toda a vaidade no combate à pandemia. Além de trabalhar conteúdos complexos com uma linguagem simples, como no exemplo dos registros de homenagens aos trabalhadores que perderam a vida durante a pandemia, revelando a capacidade da imagem de “eternizar” quem partiu e de utilizar a criatividade para fortalecer relações após isolamentos em que todos se sentiram separados.

Justificativa pessoal

A ideia deste trabalho surgiu através da experiência do pesquisador como agente administrativo da Secretaria de Estado da Saúde do Amazonas (SUSAM), psicólogo e fotógrafo de ensaios e eventos. Durante o ano de 2020, o pesquisador realizou uma ação

fotográfica intitulada “Além das Máscaras”, levando em consideração a situação delicada pela qual a saúde pública manauara passou com a superlotação dos hospitais e óbitos de trabalhadores da saúde. O trabalho visou reconhecer e homenagear, por meio de fotografias, as pessoas que estão na linha de frente contra a pandemia, utilizando a fotografia como uma ferramenta de expressão das emoções e enriquecendo vínculos solidários para minimizar a angústia dos trabalhadores da saúde.

Tal ação fotográfica proporcionou ao pesquisador escrever um relato de experiência publicado na revista “Saúde em Redes” ao mesclar conhecimentos em psicologia, fotografia e sua experiência ao presenciar o sofrimento de colegas trabalhadores nas unidades hospitalares. Sendo a presente dissertação uma forma de explorar novamente o diálogo entre arte, psicologia e saúde mental, se apropriar ainda mais da articulação dessas áreas do conhecimento e ampliar essa ação propondo uma metodologia em prol de condições mais dignas, criativas e saudáveis para os trabalhadores da saúde.

Justificativa acadêmica

Durante a pesquisa, observou-se uma lacuna existente na literatura entre saúde do trabalhador e fotografia. Logo, notou-se a viabilidade de elaborar um trabalho com a justificativa teórico-acadêmica para uma abordagem da fotografia, um recurso aparentemente simples e lúdico, como ferramenta poderosa para a elaboração de emoções como o luto, isolamento social, autoimagem e sentimento de pertencimento a uma equipe. Logo, o presente trabalho pode contribuir com um estudo sobre a relação entre fotografia e saúde mental para expandir o leque de possibilidades de intervenção psicológica nas unidades de saúde.

A justificativa acadêmica também envolve a percepção da fotografia interligada a novos métodos de se fazer pesquisa em Psicologia. Conforme Santos Júnior (2018), o uso da fotografia vem sendo incorporado a pesquisas qualitativas da área da saúde. Pois a fotografia serve como objeto mediador, auxilia pesquisadores e interlocutores no processo de construção do conhecimento. A fotografia é multifacetada, realizando elaboração interna através de momentos de descontração e engajamento entre trabalhadores do campo da saúde, e fornecendo a produção de conteúdos imagéticos pela validação e atualização de instrumentos projetivos ao contexto brasileiro.

Justificativa social

Envolve a possível contribuição com o conhecimento sobre a potência da fotografia possa ser utilizado além da academia, em outras comunidades. Segundo Santos Júnior (2018), a nova configuração da fotografia verificada na contemporaneidade, a torna um objeto acessível, visto que as câmeras estão presentes em dispositivos eletrônicos que fazem parte do cotidiano das pessoas. Machado e Zanella (2022) explicam a democratização da fotografia, pois através de seus smartphones muitas pessoas acabam por dar voz àquilo que é silenciado ou ocultado em suas vidas.

Logo, acima de tudo, o conhecimento é importante para cuidar da saúde das pessoas, independentemente do local. Assim, apesar do foco da dissertação ser voltado para trabalhadores da saúde de hospitais da rede pública, ela tem o potencial de fornecer subsídios para estudos que visam ampliar a proposta metodológica do uso da fotografia para estar presente em diferentes instituições e para destacar questões políticas e sociais, de repensar práticas de ensino, pesquisa e saúde, de várias comunidades, para além de hospitais.

Capítulo 1: O Trabalho dos Trabalhadores da saúde: caracterização e desafios no hospital

A organização do trabalho assume posição central no contexto em que os trabalhadores da saúde estão inseridos. Todo hospital é regido por um conjunto de regras e normas. Dependendo das especificidades dos atendimentos, há um ritmo mais intenso ou picos de intensidade conforme a quantidade de pessoas a serem atendidas em determinado horário. Os trabalhadores da saúde devem cuidar do quadro de saúde das pessoas, os três níveis de atenção e assistência à saúde no Brasil são estabelecidos pela Portaria 4.279 de 30 de dezembro de 2010, que estabelece as diretrizes para a organização da Rede de Atenção à Saúde no âmbito do Sistema Único de Saúde (SUS), sendo eles: atenção primária, atenção secundária e terciária.

A atenção primária irá referir-se ao primeiro contato do usuário com o SUS, envolve um conjunto de ações de saúde, no âmbito individual e coletivo, abrangendo a promoção e proteção da saúde, prevenção, diagnóstico, tratamento, reabilitação, redução de danos e manutenção de saúde com atenção integral para as coletividades. Sendo os demais níveis de atenção diferentes entre si pela densidade tecnológica, enquanto a

atenção secundária, de média complexidade, e a atenção terciária, de alta complexidade. (FEITOSA *et al.*, 2022).

Os hospitais de grande porte compõem apenas o nível de atenção terciária e apresentam infraestrutura mais avançada que as anteriores, fornecendo estruturação necessária para atendimentos de alta complexidade, como o monitoramento, suporte e recuperação de pacientes com quadro clínico instável, com riscos de vida ou que necessitam de atendimento especializado. Nestes ambientes muitas vezes o vínculo entre equipe, família e usuário facilita a aderência ao tratamento, gerando laços de compromisso e corresponsabilidade pelo bem estar do paciente (BARON *et al.*, 2014)

Os estudos de Fernandes (2014) complementam que o processo de trabalho no campo da saúde é repleto de complexidade enquanto o trabalhador exerce a função de cuidador sob bastante pressão.

Teixeira *et al.* (2020) ressaltam que a força de trabalho em saúde não está imune à desigualdade de gênero, raça e classes sociais. Que tal estrutura abrange vários níveis e a formação profissional, assim como os desafios de conseguir oportunidades para ingressar no mercado de trabalho. Por isso, destaca-se que os trabalhadores da saúde referidos no presente trabalho pertencem a uma vivência heterogênea. A maioria dos trabalhos disponibilizados na literatura discute o trabalho de médicos e enfermeiras. Contudo, não se aprofundam nas relações de poder e dominação que existem entre essas duas profissões. Além disso, os autores também analisam que a literatura especializada não inclui uma análise das desigualdades sociais e hierarquias próprias às equipes de saúde.

O contexto organizacional hospitalar é composto por vários profissionais: agentes administrativos, técnicos de enfermagem, serviços de higiene e limpeza, maqueiros, manutenção de equipamentos, serviços de alimentação, farmacêuticos, bioquímicos, fisioterapeutas, nutricionistas, psicólogos, enfermeiros e médicos. Todos esses trabalhadores, segundo Teixeira *et al.* (2020), estão diretamente envolvidos com todos os procedimentos institucionais, direta ou indiretamente, nos quais são expostos, por inúmeras variáveis, de riscos psicossociais e de saúde, independentemente da função que exercem.

Os problemas crônicos e desafios agudos dos trabalhadores da saúde estão relacionados à gestão do trabalho em saúde no Brasil. Os principais problemas envolvem mecanismos de contratação, qualificação dos trabalhadores e valorização dos trabalhadores da saúde em cada setor. E que esses problemas são decorrentes do

subfinanciamento do Serviço Único de Saúde (SUS), a precarização da força de trabalho, privatização interna do sistema público e uma crise permanente (TEIXEIRA *et al.*, 2020).

Existe uma expectativa de que o trabalhador da saúde seja capaz de realizar ações além da capacidade humana, por exemplo salvar a vida de um paciente que chega à unidade com um quadro terminal. A pandemia ilustra essa realidade, uma vez que confronta a humanidade com a morte prematura, milhões morreram, mas não foram apenas os familiares que sentiram falta. O trabalho no campo da saúde envolve sentimentos como dedicação e saudade, chegar para mais um dia de trabalho e se deparar com o leito vazio de um paciente, cuidado durante meses, que foi a óbito.

O processo de saúde ou doença é um fenômeno social. O hospital é como uma microrrealidade em que a vida acontece, mas onde muitos não gostariam de estar. A mobilização do trabalhador da saúde acontece em sua integridade física conforme as horas em pé ou prestando assistência, psíquica e social. Lustosa (2007) informa que o adoecer, além de poder ser físico, é também um fenômeno subjetivo, podendo ser vivido de diversas maneiras, com influências culturais e ambientais, impactando as dinâmicas sociais dos enfermos. A doença é como uma interrupção, uma desordem na rotina, suscitando a urgência de um enfrentamento do duvidoso. Lidar com pacientes doentes é lidar com uma crise em cada leito, um momento complicado na vida de cada pessoa.

Os trabalhadores do campo da saúde apresentam elevado risco ocupacional, incluindo estresse e depressão por lidar com situações tão críticas de outras pessoas em seu próprio dia a dia (FERNANDES, 2014). Destacamos a pandemia que revelou níveis crescentes de sofrimento no trabalho, pelos riscos psicossociais do isolamento social, os trabalhadores da saúde estavam mais sujeitos à contaminação por trabalharem em hospitais. Além disso, presenciaram o adoecimento de colegas, o risco de levarem o vírus para seus lares no retorno ao trabalho e a necessidade de se manterem firmes nos plantões devido ao fluxo contínuo de pacientes internados durante meses de pico de contágio pelo novo coronavírus.

Ribeiro *et al.* (2012) reforça que os trabalhadores da saúde sofrem o impacto provocado pelo fortalecimento da atividade econômica e alterações no processo de trabalho. Que essas intensas transformações no mundo do trabalho forcem os trabalhadores do campo da saúde a serem polivalentes, capazes de realizar múltiplas tarefas, lidarem com o controle de diferentes emoções e desenvolverem estratégias de defesa para tentarem neutralizar algumas possíveis fontes de adoecimento mental

(DEJOURS, 2015 e MENDES, 2007). No entanto que muitos trabalhadores prestam assistência ao paciente, mas acabam esquecendo de cuidar de si mesmos, ficando mais expostos a diversos riscos relacionados ao labor, os quais podem ser causados por fatores físicos, biológicos, ergonômicos, químicos e psicossociais.

Os trabalhadores do campo da saúde enfrentam danos físicos através da exposição química de substâncias em diferentes estados, como gases, vapores, líquidos, desinfecção de materiais, anestésias e tratamentos de pacientes como a quimioterapia. Embora essas atividades geralmente estejam mais vinculadas à enfermagem e farmácia, outros grupos de trabalhadores também terminam expostos. Temos, por exemplo, a equipe de limpeza institucional que acaba manuseando alguns produtos químicos, os médicos ficam sujeitos à infecção durante consultas, anestesistas durante seu trabalho e os servidores administrativos estão sujeitos à contaminação de doenças respiratórias como vírus e bactérias. Esses desafios são somados a riscos de natureza organizacional e psicossocial, como recursos, instrumentos, aparelhos, móveis e ambientes inadequados e/ou precários, bem como a desvalorização dos setores e o adoecimento mental conforme mais bem explanado no capítulo a seguir (VALIM, 2014).

Capítulo 2: Sofrimento e adoecimento mental do trabalho

O século XIX inaugurou um momento de dependências da sociedade pautadas em bases econômicas, psíquicas e sociais. A degradação das condições de trabalho só deixa as pessoas mais vulneráveis a organizações que focam na sustentação, porém não priorizam conflitos vividos pelos trabalhadores (DIAS, 2019). O estudo de Dias (2019) também cita a alegoria da organização a um totem, que precisa ser respeitado e temido. Além de uma cegueira da realidade, na qual o trabalhador não consegue enxergar a exploração, dedicando-se cada vez mais ao modelo de “mãe-protetora” que nutre, oferece proteção e promove colaboradores. Logo, há um aperfeiçoamento dos mecanismos de controle a que os sujeitos são submetidos.

Dias (2019) relata também sobre uma engrenagem de manipulação, na qual as empresas detêm o controle intelectual e afetivo do trabalhador quando o seduz através de promessas de realização que nem sempre se cumprem. Logo, uma visão psicológica organizacional ajuda a romper com o discurso funcionalista e denunciar situações de adoecimento mental no trabalho contemporâneo.

O adoecimento no ambiente de trabalho está situado no campo das subjetividades e no processo saúde-doença. A psicodinâmica da relação sujeito-trabalho-adoecimento não se limita apenas à leitura psicológica, mas também fisiológica a partir do conhecimento de que muitos trabalhadores são afastados das empresas por patologias físicas relacionadas ao trabalho (MENDES, 2007).

Tais patologias também podem estar relacionadas aos constantes processos de mudança estrutural, social e tecnológica do mundo contemporâneo. As relações de trabalho transformam-se conforme a adoção de ideologias de gestão, como a aceleração do ritmo do trabalho, intensificação da rapidez para suprir metas de produção, competitividade de mercado, dentre outras. É nesse momento que se nota a necessidade de discussão sobre saúde mental e sofrimento no trabalho, em detrimento de trocas descompensatórias e consequente atitude sacrificial do trabalhador em virtude da sua necessidade de sobrevivência.

Dias (2019) aponta que as características contemporâneas do universo do trabalho são concebidas mediante a transformação dos mecanismos de dominação e controle. A precarização contínua, a flexibilidade do trabalho e a falta de estabilidade contribuem para a intensificação da insegurança dos trabalhadores da saúde e as relações. Isso leva ao adoecimento não só dos trabalhadores, sejam de organizações públicas ou privadas, mas também das gestões marcadas por inseguranças e incertezas. O mundo organizacional, de acordo com Dias (2019), é permeado pela modernidade líquida, a qual envolve a manipulação psíquica dos trabalhadores.

De acordo com dados da Secretaria Especial de Previdência e Trabalho (JUSTIÇA DO TRABALHO, 2021), durante a pandemia em 2020 houve um aumento de 26% na concessão de auxílio-doença em decorrência de transtornos mentais. Dentre as razões citadas pela Secretaria estão: endividamento, incertezas a respeito do futuro, depressão, ansiedade e síndrome do pânico. A Organização Mundial da Saúde estima que mais de 260 milhões de pessoas no mundo sofrem de ansiedade e depressão.

Os transtornos mentais e comportamentais pertencem às principais causas de afastamentos no trabalho e redução de produtividade. Isso acontece devido a muitos trabalhadores estarem cronicamente expostos a estresses psicossociais diários, acarretando quadros psicossomáticos, sintomas psiquiátricos e alterações no bem-estar. Os autores destacam que existe uma dificuldade de esclarecer a conexão entre estressores ocupacionais e doença mental, pois cabe ao perito médico do Instituto Nacional do

Seguro Social (INSS) analisar a possibilidade de as condições do ambiente de trabalho adoecerem o trabalhador (SILVA-JUNIOR e FISCHER e 2015).

Silva-Junior e Fischer (2015) mencionam que as ferramentas de análise da Previdência Social não levam em consideração a existência de fatores psicossociais no ambiente profissional, portanto muitos casos denunciados acabam não sendo reconhecidos. Além disso, os trabalhadores entrevistados por Silva-Junior e Fischer (2015) apontam uma percepção de trabalho de alta demanda e baixo controle, um desequilíbrio de esforço-recompensa, elevando o risco de depressão e incapacidade laborativa.

Jacques (2007) explica que o modelo taylorista-fordista, em larga escala, acabou fornecendo um olhar para os efeitos do trabalho na psique dos trabalhadores, pois houve a aproximação definitiva da psicologia com o mundo do trabalho. A crença de que o trabalho é o modo de ser do homem nunca foi tão fundamental. A psicologia, além de fornecer ferramentas e aporte teórico-metodológicos de processos de recrutamento, seleção e admissão para candidatos, ainda torna possível o estabelecimento do nexo causal entre trabalho e doenças mentais.

Jacques (2007) também menciona que as doenças relacionadas ao trabalho podem subdividir-se entre três grupos conforme o Ministério da Saúde: quando as doenças são legalmente reconhecidas; quando o trabalho aparece como elemento contributivo da doença; e quando o trabalho é considerado responsável pelo distúrbio latente. Todavia, embora caiba um laudo diagnóstico, esse nexo causal, perante a lei, ainda recai sobre a patologia. Por isso, muitos trabalhadores acabam adoecendo sem suporte da organização ou silenciam suas queixas temendo exposição ou represálias.

O hospital é uma organização que não está imune aos determinantes sociais e individuais que articulam o mundo do trabalho. Os trabalhadores do campo da saúde enfrentam, além de elevado risco ocupacional, o desafio de lidar com suas diversas dimensões subjetivas dentro de um modelo contemporâneo de trabalho pautado na produtividade crônica, elevado ritmo de trabalho e sujeitos ao adoecimento mental.

Capítulo 2.1. Sofrimento e adoecimento mental do trabalho dos trabalhadores da saúde

A finalidade deste capítulo é discutir as vivências de (des)cuidado permeadas no cotidiano de trabalhadores da saúde, cujas responsabilidades e demandas são intensificadas pelas políticas públicas de saúde. Segundo Santos *et al.* (2017), a rotina de trabalho de trabalhadores da saúde envolve ambientes insalubres e penosos nas instituições públicas. Isso acontece devido à elevada demanda de trabalho, riscos ocupacionais e sentimento de impotência mediante pacientes com agravados quadros de saúde.

Para os trabalhadores da saúde, o sofrimento psíquico é intensificado pelos fatores de riscos adicionais em decorrência das condições de trabalho. Nesse caso não há apenas a exposição ao novo coronavírus e outras enfermidades, há o adoecimento somático e psíquico a partir de estresse, fadiga mental, burnout, neurose, etc. Sendo importante ressaltar as reações psicológicas ao estresse e a relação disso com mecanismos psicobiológicos. Segundo Prado *et al.* (2020), o estresse de trabalhadores da saúde também é proveniente de longas jornadas de trabalho, realização de muitos plantões consecutivos, falta de equipamentos de proteção individual e perda de colegas de trabalho que foram a óbito durante a pandemia.

Outro desafio da profissão é lidar com precarizações das condições e relações de trabalho. A precarização no trabalho é descrita como um processo multidimensional envolvendo o desrespeito a conquistas sociais e políticas de direitos trabalhistas. Os sujeitos acabam sendo privados de condições de trabalho dignas, impactando a vida de trabalhadores que muitas vezes acabam afetados pela violência social e desenvolvem psicopatologias. A título de ilustração de transtornos mentais na qual os trabalhadores da saúde está sujeito, temos o transtorno do estresse pós-traumático (TEPT) que acontece quando os sujeitos enfrentam uma intensa carga psicológica e alterações presentes em cognições e humor, essa exposição é especificamente relacionada ao trabalho, como podemos observar nas rotinas hospitalares. O sofrimento simbólico acaba impactando negativamente atividades antes exercidas com prazer, o trabalhador manifesta uma hipervigilância e pressão psicológica que acabam tirando sua espontaneidade, interferindo na convivência com os colegas e retraimento social (SOUZA e MENDES, 2016).

O cenário da pandemia da Covid-19, e sua rápida disseminação na população, elevou os índices de angústia psíquica como ansiedade, depressão, medo, comprometimento no sono e níveis de estresse moderado a grave em 59% dos

trabalhadores da saúde da linha de frente apresentaram mais sintomas de doenças mentais (PRADO *et al.*, 2020).

A maioria das publicações sobre trabalhadores da saúde não evidenciam a importância dos serviços de atenção primária. Embora médicos e enfermeiros tenham ganhado destaque durante o começo da pandemia, é preciso levar em conta a importância do conjunto de trabalhadores que fazem parte da força de trabalho e que sem eles não seria possível sustentar um hospital. Por exemplo, profissionais da limpeza, segurança, serviço social, manutenção, maqueiros, lavagem de roupas, dentre outros. Tais trabalhadores geralmente são ainda mais invisibilizados socialmente e na literatura especializada, seus sofrimentos também precisam ser validados (TEIXEIRA *et al.*, 2020).

Teixeira *et al.* (2020) também destaca que o Brasil apresenta um contexto de bastante desigualdade social, intensificando os riscos de contaminação pelas populações de baixa-renda que vivem em condições precárias. Por isso também é necessário lembrar que nem todos os trabalhadores da saúde possuem estabilidade financeira, conforme explorado no mesmo capítulo também há profissionais de baixa-renda que são fundamentais para a unidade e enfrentam a pobreza além dos riscos do ofício. E com a falta de estabilidade financeira, em um cenário cheio de incertezas, também ficam propensos a doenças mentais.

Os motivos de insatisfação no trabalho na atenção básica à saúde envolvem longa carga horária, excesso de demanda, falta de incentivo à educação continuada, falhas na gestão, déficit nos instrumentos, dificuldades para trabalhar em equipe, salário e problemas na colaboração das famílias nos processos assistenciais. Sendo as relações entre trabalhadores e com a gestão bastante significativas (LIMA, 2014).

Dentre os graves problemas apontados por Azevedo (1995) na gestão hospitalar está a falta de continuidade administrativa. Para a autora, trata-se de um enorme obstáculo para o aprimoramento gerencial, pois os hospitais sofrem rotatividades no nível da direção devido à própria rotatividade de níveis hierárquicos superiores. Durante as trocas de gestão, os servidores ficam sujeitos a eventuais mudanças drásticas de setor, e muitas vezes tais trocas podem ser fundamentalmente para favorecer decisões de equipes recém-chegadas. Essa questão pode impactar emocionalmente o trabalhador e o sentimento de credibilidade perante a instituição.

A administração pública brasileira já sofre de uma percepção histórica de que são ociosas, ineficientes, corruptas e que agem pelo clientelismo (AZEVEDO, 1995). Os

trabalhadores aprovados em serviço público não estão imunes a essas críticas, todavia não possuem poder decisório para o nível local. Logo, sua prestação de serviços fica condicionada a entidades superiores como a própria secretaria de saúde. Para Azevedo (1995), são importantes programas de capacitação gerencial para haver a descentralização do poder. Um grande desafio da administração hospitalar é incorporar ética às decisões da gestão, que o gestor não se isole em seu papel e busque adesão de outros trabalhadores, a fim de que cada trabalhador possa ser valorizado e possua autonomia. Quando as relações de trabalho não são horizontalizadas, a gestão pode basear-se em hierarquias e autoritarismo (MV HOSPITALAR, 2015).

A organização hospitalar constitui valores e tradições, históricos nos quais médicos ocupam um lugar no topo da hierarquia enquanto o restante dos profissionais dificilmente recebe os créditos pelo desempenho na recuperação dos pacientes, dentre outros possíveis avanços e situações exitosas. Mendes (2007) discute fatores de sofrimento no processo de adoecimento, como influenciar no ritmo do trabalho e uma pressão para que ele seja mais rápido, desqualificação, ameaças, pressão para cumprir metas cada vez maiores, não reconhecimento pela dor do outro, a não-aceitação dos limites do trabalhador, agressividade da chefia, quebra de pactos de reconhecimento, pressões internas e falta de solidariedade.

A repetição é o que fragiliza o trabalhador. Situações que acontecem com muita frequência no cotidiano podem resultar no comprometimento do aparelho psíquico. Por exemplo, sentimentos como medo e impotência prejudicam o aparelho psíquico e levam ao afastamento por adoecimento somático. O processo de deterioração das relações de trabalho gera mais sofrimento, crises de identidade e pode levar o trabalhador a processos cada vez mais desorganizadores. O manejo inadequado de situações de pressão por parte da chefia só causa mais vulnerabilidades, fracassos, estresse, ansiedade, conflitos e vícios de postura (MENDES, 2007).

Um dos desafios políticos para a consolidação do SUS é que o poder local brasileiro ainda é marcado por traços históricos do coronelismo, filhotismo ou apadrinhamento e o clientelismo. De maneira a suprir favores políticos à população em troca de votos durante as eleições. A questão é que em um hospital as circunstâncias não são tão diferentes. Não raramente há eventuais pactos políticos visando o apoio de determinados segmentos, como eleger um trabalhador sem experiência na função como responsável pela direção hospitalar (RODRIGUES, 2014).

Mendes (2007) aponta que um dos fatores para o adoecimento psíquico acontece quando os trabalhadores se sentem desprestigiados. Quando a organização empossa um filho ou conhecido na empresa, a tendência é o descontentamento entre os colegas de trabalho que almejavam uma oportunidade de reconhecimento. Relacionando isso ao contexto de apadrinhamento político mencionado por Rodrigues (2014), uma pessoa despreparada é incumbida a liderar equipes, podendo criar um mal-estar. No hospital isso é ainda mais complexo porque o trabalhador acaba desconfiando das relações de poder e dos processos de gestão e de gerenciamento de pessoas. Assim, isso pode se desdobrar na intensificação de angústia, sentimento de importância e terror pelo autoritarismo.

A construção de saúde insiste em uma cultura de subalternidade, que impede direitos trabalhistas para classes mais baixas da hierarquia e privilegia escalões superiores. Os autores destacam que a etimologia da palavra servidor significa “servo” ou “servidor dos deuses”. Sua pesquisa foi justamente sobre os ônus do serviço público e não focando apenas nos benefícios trazidos pelos órgãos estaduais. E que o autoritarismo e o maltrato interno são traços históricos, existindo um exercício autoritário de servidores em funções privilegiadas sobre aqueles em funções subalternas (MAGNUS e MERLO, 2012).

A pesquisa de Magnus e Merlo (2012) desconstrói a imagem do servidor público em unidades de saúde como um sucesso genérico. Para isso, os autores discutem a mobilização do imaginário coletivo das pessoas no sentido de acreditar que o serviço público é a realização de direitos e aposentadoria garantidos. Enfatiza-se que questões políticas atravessam o cotidiano do servidor público. Magnus e Merlo (2012) ressaltam que muitas vezes há interferência de gestores políticos e inviabilização de projetos importantes, elaborados pelos próprios servidores dos hospitais. Tais servidores acabam não executando os projetos por falta de apoio no processo de trabalho. Além de raramente os gestores terem interesse de darem continuidade a projetos iniciados na gestão anterior e, dessa maneira, várias decisões são pausadas em decorrência de processos burocráticos. E essas barreiras para o reconhecimento dos servidores nas suas instituições em que estão lotados só refletem uma luta de poder em que todos saem perdendo, pois a unidade não investe em projetos e nem valoriza o servidor que está invisibilizado.

Um dos desafios sobre sofrimento é compreender que os trabalhadores estruturam sintomas e defesas para impedir que o sofrimento seja revelado. Há um apego

entre a pessoa e o sintoma. No mundo do trabalho contemporâneo, não há espaço para a diferença. Logo, muitos trabalhadores acabam omitindo quando estão adoecidos para se submeterem a um padrão normatizador. Para Gama *et al.* (2016), os trabalhadores apontam como causas do sofrimento: dedicação exagerada ao trabalho, dificuldades em relação à chefia, sobrecarga, desentendimentos interpessoais, diferença de tratamento conforme o vínculo contratual e mudança na gestão hospitalar.

A mudança de gestão é algo sentido internamente e dificilmente percebido pelos usuários do SUS. Contudo, impacta a vida dos trabalhadores à medida em que precisam adaptar-se a um novo modelo. Conforme Gama *et al.* (2016), existe um medo permanente que extrapola a unidade à qual os trabalhadores do campo da saúde pertencem: o medo da transferência de lotação ocasionada pela mudança de gestão.

Esse receio é experimentado em excesso pelos servidores da saúde que, frequentemente, trocam de gestão. Às vezes uma gestão sai de uma unidade por estar causando inúmeras queixas de trabalhadores, todavia ao invés de ser responsabilizada, é realocada em outro hospital. Gama *et al.* (2016) descreve o temor físico e pânico causado pela mudança de setor, o medo de perder o suporte dos colegas, de ser separado, o medo de ser interpretado como um trabalhador pouco habilidoso ou sem experiência em um novo local.

De acordo com Ribeiro *et al.* (2012), um fator de risco psicossocial no trabalho é a recompensa. Nesse sentido, muitos trabalhadores da saúde enfrentam falta de perspectivas de promoção, clima de instabilidade no hospital, falta de valorização profissional e a realização de tarefas inferiores à qualificação. O sofrimento patogênico acontece quando todas as margens de liberdade, transformação e aprimoramento são esgotadas. Os valores organizacionais são impostos aos trabalhadores do campo da saúde de maneira que a responsabilização pela saúde do paciente é intensa, o trabalhador pode viver em desassossego ao cogitar cometer falhas que acarretem seu desligamento.

A vulnerabilidade dos servidores da saúde envolve vínculos pouco estruturados, falta de identificação grupal, “bodes expiatórios” e perseguições nas relações. O assédio moral a servidores é uma das violências que muitos trabalhadores reproduzem, todavia não percebem o quanto isso compromete o desenvolvimento do setor como equipe, paralisa e empobrece o trabalho, promovendo o descrédito interno e externo pois sequer a população respeita os servidores. A tendência, segundo Magnus e Merlo (2012), é que os trabalhadores da saúde se voltem ainda mais para o nível individual, reforçando o

processo de adoecimento mental e afastamentos compulsórios. Por isso a importância de discutir a prevenção ao adoecimento.

Capítulo 3: Prevenção do adoecimento

A palavra prevenção possui a finalidade de compreender de que forma é possível contribuir para a melhoria do bem-estar dos indivíduos e das comunidades. A prevenção da saúde mental envolve contribuições científicas, profissionais e educacionais utilizadas para promover e realizar a manutenção da saúde, tratamento e prevenção de doenças, identificação da etiologia e diagnóstico relacionados ao quadro de saúde. (ALMEIDA, MALAGRIS, 2011). É importante compreender de que maneira o trabalho está relacionado à saúde mental e vice-versa.

Para Alvarenga e Marchiori (2014), o Direito do Trabalho possui o propósito de promover dignidade humana através de normas à saúde do trabalhador. As autoras defendem o quanto a dignidade está relacionada à qualidade de vida, incolumidade psicológica e física durante a realização de atividades profissionais. Sendo dever do empregador proporcionar preceitos constitucionais como a função social da prosperidade, solidarismo e evitar prejuízos psicossomáticos. Nesse contexto, destaca-se a síndrome de Burnout que é um estado crônico de estresse, causando problemas físicos e psicológicos como: dores musculares, queda no desempenho profissional, postura negativa sobre a vida, comprometimento da autoestima, sono desregulado, falta de apetite, ansiedade e perda da concentração.

Mendes (2007) destaca a psicodinâmica do trabalho nas defesas individuais para proteção de constrangimentos organizacionais. Embora a história do sofrimento seja particular ao indivíduo, existem processos defensivos inconscientes que envolvem a cooperação coletiva. Na relação entre ação, trabalho e sofrimento, também há aprendizagem. Os trabalhadores são capazes de elaborar, inconscientemente, estratégias de defesa. Embora o trabalho seja um local onde as pessoas chegam com uma bagagem emocional e intelectual, também é uma esfera de aprendizagem e elaboração da identidade.

Ribeiro *et al.* (2011) reforçam a importância da resiliência em contextos organizacionais para a superação de tensões e adversidades. Para os autores, o trabalho ocupa uma posição de destaque no dia a dia do ser humano, exercendo influência sobre

seus sonhos, motivações e satisfações. Por isso cada vez mais, fala-se em bem-estar e trabalho, a renda do sujeito está inteiramente ligada à qualidade de moradia, renda, segurança e reconhecimento social. Sendo a organização também capaz de proporcionar fatores de proteção para o indivíduo através de uma rede de apoio social entre o sistema e o indivíduo, por isso a resiliência aqui não depende apenas de recursos internos do trabalhador, como também da promoção à saúde do trabalhador.

Bigatão, Pereira e Campos (2019) descrevem as dificuldades de manejo das equipes de saúde com as famílias. Assim a construção de vínculos saudáveis das equipes da assistência com as famílias pode ser fundamental para o desempenho dos atendimentos, enfatizando a necessidade do SUS investir no fortalecimento de ações em saúde mental nos cuidados primários. A fim de não só tratar, porém prevenir violações de direitos humanos e descentralizar o papel de responsabilidade do médico para compartilhar isso com as famílias.

É necessário combater o conceito de saúde como ausência de doença, pois segundo Ribeiro *et al.* (2011), saúde é algo dinâmico e pode ser relacionada a uma natureza mais otimista frente aos desafios, não se trata de distorcer a realidade, não é uma resiliência de submissão aos fatores de risco. A resiliência na organização envolve uma atitude do trabalhador lidar com a adversidade sem adoecer psicologicamente. Para isso, é necessário que a organização esteja aberta a enxergar os próprios fatores de risco a que submetem seus trabalhadores, proporcionar mais liberdade para lidar com as críticas ao ambiente profissional e investir em suporte psicológico aos trabalhadores.

A respeito de promoção de saúde, Dutra e Correia (2015) informam que há possibilidade da criação de ações de educação em saúde com viés terapêutico que possam incentivar os trabalhadores a desenvolverem o cuidar de si, para lidar com as próprias defesas ao atender pacientes mais graves. Isso acontece porque, diante do sofrimento do paciente, muitos trabalhadores da saúde acabam criando defesas para evitar perigos a sua integridade física. Então é interessante o acompanhamento dos trabalhadores para lidarem com essa dessensibilização interna.

A saúde na organização do trabalho possui relação com a autonomia para organizar-se profissionalmente e desempenhar tarefas, o sentimento de reconhecimento social e a liberdade para o trabalhador manifestar características individuais. Mendes (2007) também retrata uma neurose organizacional, quando o hospital aprecia ser visto como uma mãe. Isso favorece os interesses da instituição, uma política assistencialista, cobranças desproporcionais com as condições do trabalhador, dentre outras. Porém um

fator de saúde no trabalho pode ser a articulação entre produtividade e bem-estar, as chefias principalmente podem exercer um papel de liderança e equilibrar de que maneira o trabalhador pode contribuir positivamente e se sentir mais motivado.

Para ilustrar o contexto de promoção de saúde no ambiente hospitalar, Silva (2020) retrata os trabalhadores da saúde na linha de frente da pandemia como uma ação que transcende a rotina da organização. Em períodos de superlotação em decorrência de internações desenfreadas pelo novo coronavírus, quem trabalhava em hospitais eram considerados heróis. E isso os motivava diariamente para enfrentar a rotina independente dos riscos de mortalidade, perda da vaidade, sobrecarga de trabalho, lutos pela perda de amigos e familiares.

Uma estratégia ressaltada por Mendes (2007) é a possibilidade de uma relação profissional mais próxima da chefia com seus empregados, de maior confiança, com metas compartilhadas. Mas para isso, é necessária a criação de um espaço mais aberto para escutar o sofrimento dos trabalhadores, revelar o quanto aquela atividade pode ter um sentido na vida de outras pessoas, o reconhecimento do potencial de cada um é uma maneira eficaz de ajudar os trabalhadores a encontrarem o prazer no trabalho, o medo de retaliação pela chefia só leva ao silenciamento das necessidades coletivas e gradual adoecimento psíquico dos servidores.

Embora seja difícil, é possível a vivência de prazer no trabalho. Lidar com as emoções dos trabalhadores é uma maneira de externar o descontentamento, avaliar o que precisa ser modificado e se preocupar com a qualidade do trabalho oferecido, não apenas com a quantidade elevada almejada. Tais transformações na liderança impactam em nível individual, organizacional e social.

Uma vez que as transformações do mundo contemporâneo modificaram a manifestação de sintomas de sofrimento e psicopatologia, Vasconcelos e Faria (2008) relatam que é preciso ir além da aparência da doença como um fenômeno e escutar o mal-estar, antes do adoecimento somático e afastamento dos trabalhadores. Segundo o estudo dos autores, a maioria dos entrevistados relatou que seu equilíbrio psicológico acontecia por se sentirem confortáveis para trabalhar, níveis de cobrança razoáveis, trabalhar sem receio de desligamento, trabalhar fazendo o que gosta e não se sentir estressado.

Vasconcelos e Faria (2008) reforçam que existe uma contradição nas organizações por investirem em projetos apenas quando estes oferecem redução de custo e maior produtividade. Na verdade, os programas precisam prevenir o adoecimento

mental e, conseqüentemente, a redução de produtividade dos trabalhadores. Geralmente a prioridade dos recursos humanos é encontrar uma forma de minimizar faltas e baixa produtividade, todavia pesquisas apontam que problemas interpessoais são frequentemente desencadeadores de sofrimento para os trabalhadores. Há uma vigilância tanto da chefia quanto dos próprios colegas, que observam e delatam se alguém erra. Logo, o novo ideal é que as organizações parem de estimular o individual e valorizem o coletivo. Ao invés de punir e afastar os trabalhadores considerados fracassados ou subalternos, também analisar a conduta dos chefes dos setores e abrir espaço para projetos que possam trabalhar a saúde mental dos trabalhadores e o sentimento de pertencimento.

Ribeiro *et al.* (2012) também fazem alusão à necessidade do psicólogo apreender a resiliência como a interação de indivíduos com o contexto da organização, não se limitando apenas à análise do individualismo. Essa apreensão crítica da realidade valoriza os esforços dos trabalhadores e negocia com a instituição formas de resolução dos problemas.

A Qualidade de Vida no Trabalho apresenta como consenso uma maior humanização, melhorias no bem-estar dos trabalhadores e permissão para que eles participem de decisões e problemas, de acordo com o exposto por Fernandes (2014). Tais fatores fortalecem a relação do indivíduo com o trabalho, programas que trabalham a qualidade de vida do trabalhador previnem estresse, proporcionam melhor autoimagem e melhoria nos relacionamentos.

Ao discutir suporte e apoio psicossocial, Moreira e Lucca (2020) destacaram a necessidade do apoio de líderes e das chefias para o fornecimento de recursos de apoio aos trabalhadores expostos. Além de ajuda emocional, reciprocidade para a valorização do eu e bem-estar psíquico para os setores. Esses investimentos não servem apenas para intervenção a curto prazo, mas também a preservação da saúde dos trabalhadores a longo prazo com estratégias de proteção à saúde mental.

Em seus estudos sobre saúde mental na Amazônia, Schlindwein (2013) argumenta que o sofrimento no trabalho ganha nuances de transferência, quando o trabalho se torna uma oportunidade de os trabalhadores realizarem-se psiquicamente através de desafios. Que a cada problema resolvido, haverá a elaboração de um sofrimento inconsciente. Portanto, se o trabalho é capaz de adoecer ele também tem potencial para transformar o mundo do sujeito, permitindo a valorização de qualidades

como inventividade e inteligência. E, quando existe valorização, o trabalhador pode usar de sua engenhosidade para ser reconhecido subjetivamente por isso.

Para Schlindwein (2013), a utilização de estratégias defensivas por parte do trabalhador pode envolver um viés individual de autoproteção, quando há rigidez e predomínio de normas incapazes de articulações, e outra perspectiva mais positiva a partir da mobilização subjetiva que permite a transformação do sofrimento pelos esforços de inteligência do trabalhador. Novamente, essa última também depende de a organização promover sentido, prazer e saúde no trabalho para que os espaços forneçam recursos de adaptabilidade para o sujeito.

A promoção de saúde do trabalhador demanda que novas gestões desenvolvam real interesse pelo bem-estar dos trabalhadores, para que as decisões sejam realizadas com uma política de ganha-ganha, na qual tanto o trabalhador quanto a unidade sintam que estão obtendo uma relação de trabalho-resultados compensatória. Isso evita o adoecimento psíquico e afastamentos compulsórios, menor custo de saúde assistencial, maior produtividade e, finalmente, um ambiente de trabalho mais saudável. Por isso é interessante analisar o que a fotografia pode oferecer como ferramenta de intervenção à saúde mental de trabalhadores.

Capítulo 3.1. Arte e ciência: fotografia e saúde mental

Para entender os benefícios da fotografia como ferramenta de intervenção, é necessário reconhecê-la como uma forma de arte. E, ao longo da História, a arte já caminhou lado a lado com a saúde mental. Segundo Fernandes (2007) os sentimentos vividos encontram naturalmente lugares para serem manifestados, Nise da Silveira foi uma médica psiquiatra que dedicou a sua carreira ao trabalho com doentes mentais e reconheceu a pintura como uma ferramenta para esclarecer processos patológicos, além de um poderoso agente terapêutico.

Fernandes (2007) destaca ações que produzam bem-estar no cuidado ao trabalhador. Diante de trabalhadores fragilizados, a arte foi a maneira encontrada pela autora para explorar o trauma com o cuidado de não o reviver explicitamente. A arte carrega a formação de significados particulares e evoca em quem contempla uma mobilização interna para ler o seu sentido. Ou seja, a arte é terapêutica por expressar

emoções e pode trabalhar fatores de adoecimento psíquico, isolamento social, acúmulo de pressão interna.

A combinação entre fotografia e saúde mental pode acontecer através da arte. Atualmente, a fotografia é possível graças à facilitação da tecnologia, já que os celulares tornaram-se dispositivos móveis capazes de realizar imagens instantâneas e as compartilhar na internet automaticamente. Ao analisar o trabalho dos trabalhadores da saúde durante a pandemia, a tecnologia teve papel de protagonista nas relações humanas e ditou as ferramentas de comunicação da contemporaneidade. Através da internet, trabalhadores comunicavam-se com a família, demais colegas de trabalho, atualizavam-se sobre prevenção ao novo coronavírus e compartilhavam seu dia a dia nas redes sociais.

É necessário compreender que os resultados da tecnologia na intervenção e suporte do dia a dia da população também acontecem pela sofisticação do uso de dados. Cada vez mais aprimorada, a altíssima definição das imagens tornou possível quase adentrar a realidade através do digital. Aplicativos como Instagram precisaram atualizar-se para acompanhar a evolução dos smartphones, agora é possível carregar fotos com o máximo de *pixels*.

A criatividade tomou conta da internet, trabalhadores da saúde compartilhavam mensagens escritas em luvas, imagens emocionantes “viralizaram” revelando o rosto de heróis antes anônimos que perderam a vida e agora tinham a possibilidade de serem homenageados publicamente para milhões de usuários. Através do trabalho de Silva (2020) é possível enxergar a fotografia como uma ferramenta de expressão do subjetivo e a necessidade de mais projetos de cuidados ao trabalhador de saúde.

Mariano Junior (2017) remonta a importância da arte na saúde mental. Freud, em 1910, descreveu a arte como uma sublimação de desejos sexuais. Novamente, a arte revela seu aspecto intuitivo através da realização de desejos que não podem ser satisfeitos na realidade. Mariano Junior (2017) também cita Nise da Silveira e a arte como ferramenta facilitadora para a reinserção social do paciente através da pintura.

Costa (2005) explora a possibilidade de o psicólogo construir novos caminhos na necessidade de ampliar o olhar na busca por experiências bem-sucedidas no contexto socioeducativo. A arte permeia a criatividade, possibilitando espaços diferenciados de inserção social, autoestima e uma relação mais saudável das pessoas com seus pares. Conforme apontado no capítulo anterior, um dos sofrimentos no trabalho é justamente o isolamento social, logo a arte pode ser um importante recurso para intervenção.

Anos mais tarde, Costa et.al (2011) realizou um projeto de música e transformação no contexto da medida socioeducativa de internação, e seu trabalho não se limita apenas aos adolescentes. A autora reforça que a arte é um processo de constituição de identidade bastante dinâmico, diretamente relacionado às atividades e aos desafios. E que desenvolver habilidades artísticas corresponde a movimentos que os sujeitos irão realizar junto a outras pessoas. Ou seja, a arte promove interações e o desenvolvimento de possibilidades como o bem-estar coletivo, a busca pela superação de traumas e um veículo de expressão espontânea com valor cognitivo. A arte está atrelada à junção de aspectos emocionais e racionais.

Barelli (2019) ressalta que pertencemos a um mundo hipervisual, no qual fotos transmitem uma socialização de significados e podem ser um importante recurso no ambiente profissional. Assim como a fala e a escrita, a imagem exerce um papel fundamental na vida moderna. Realizar projetos fotográficos para trabalhadores da saúde envolve transmitir mensagens através de imagens, como autoconhecimento, valorização profissional externa, validação interna, além de ressignificar conteúdos dolorosos de forma simbólica com uma abordagem intuitiva.

Segundo Silva (2020) a fotografia visa promover sentido e experiência a quem a vê, estando isso relacionado a abordagens freudianas sobre o funcionamento da mente humana. A figurabilidade desempenha uma função importante do aparelho psíquico através do qual uma imagem é capaz de evocar emoções, as fotos servem como um recurso de registro histórico e humanização porque possuem capacidade de representar mensagens.

A ação Além das Máscaras desenvolvido por Silva (2020) surgiu após o falecimento do médico cirurgião plástico do Centro de Tratamento de Queimados, situado em Manaus-Amazonas. O óbito de diversos pacientes e trabalhadores do hospital forneceu um olhar sensível sobre o quanto a pandemia comprometia a elaboração do luto. O novo cenário pandêmico levou o psicólogo a repensar estratégias de enfrentamento mediante o desespero de familiares e entes queridos que não poderiam ir a velórios ou funerais. Dessa maneira, o projeto fotográfico foi a maneira que o psicólogo encontrou de ampliar o leque de possibilidades de intervenções na unidade.

A ação consistiu no registro fotográfico da equipe multidisciplinar do Pronto Socorro 28 de Agosto, com o autor percorrendo os seis andares do hospital fotografando os sujeitos na linha de frente da pandemia. Abrangendo profissionais de diversas áreas de atuação, como assistentes sociais, agentes administrativos, técnicos de enfermagem,

enfermeiros, fisioterapeutas, nutricionistas, equipe de limpeza, médicos e vigilantes. Além de homenagear os trabalhadores que faleceram durante a pandemia e estampar as imagens nos elevadores da unidade.

Giliotti (2021) enfatiza a fotografia como linguagem universal capaz de fornecer aprendizado transformador a partir do olhar ao nosso redor. No caso dos hospitais isso não é diferente, pois a fotografia abrange reflexões, cultura e arte. O trabalho realizado no Hospital Municipal Antônio Giglio em Osasco (SP) proporcionou humanização no universo da saúde em uma parceria entre o Ministério do Turismo, Aché Laboratórios Farmacêuticos e ONG ImageMagica. É notável um esforço de diversas áreas para apresentar o projeto Saúde e Cultura. As oficinas desenvolvidas através de atividades técnicas de fotografia com os trabalhadores do hospital promovem encontros para perceber o espaço de trabalho sob óticas diferentes, criando uma relação entre acolhimento entre si e seus pacientes.

A arte, o ato de criar, é uma forma de linguagem que tem relação com as formas de lidar com o interior das pessoas. Fotografar é sobre encontrar um lugar no mundo, ser valorizado, e faz parte de novas maneiras de adquirir consciência do mundo e de si. A fotografia expande o campo de percepção e inaugura novas possibilidades de enxergar acontecimentos, auxiliando na demarcação da identidade e no processo social constante (Freitas, 2012). Ou seja, a fotografia está muito interligada à conexão entre o interior e o exterior das pessoas, servindo como recurso terapêutico.

Os benefícios da fotografia podem envolver incentivo à reflexão e criatividade, rompimento com as formalidades, fortalecimento de engajamento e protagonismo de participantes na pesquisa (Alves *et al.*, 2021). Os métodos visuais compreendem o uso da fotografia em pesquisas da área da saúde e podem ser interessantes nos hospitais por dar voz a trabalhadores esquecidos e fornecer bem estar para quem precisa desse espaço de fala.

É importante ressaltar que no período em que vivemos, existem diversas transformações organizacionais promovidas pela tecnologia. As ferramentas digitais tornaram-se uma maneira de estender o alcance da vida cotidiana a vários espaços. Mesmo isolados nas unidades hospitalares, os trabalhadores da saúde utilizaram a tecnologia para manter contato com familiares e com o restante do seu círculo social por meio das redes sociais.

Barelli (2019) desenvolveu uma tese sobre a formação de leitores de fotografias como prática integrativa de promoção de saúde na oncologia. O autor reforça a

importância de ressignificar as práticas de trabalhadores da saúde, promovendo um cuidado integral que envolva a humanização dos pacientes oncológicos. E a importância da fotografia para abrir possibilidades da promoção de saúde, dividindo com os trabalhadores da saúde de que maneira os pacientes lidam com o câncer. Barelli (2019) cita o antropólogo e filósofo Gilbert Durand, o qual buscou compreender o sentido da realidade através de símbolos.

Capítulo 4: Método

Trata-se de pesquisa teórica, bibliográfica. Segundo Zambello *et al.* (2018), a pesquisa teórica/bibliográfica consiste em uma leitura atenta e sistemática a partir de livros, periódicos científicos, relatórios, teses, monografias, dentre outras fontes acadêmicas, acerca dos temas que mobilizam o desenvolvimento de uma pesquisa. As etapas da pesquisa bibliográfica envolvem: levantamento bibliográfico preliminar, busca de fontes, leitura do material e redação do texto. Colocando ao máximo em evidência ideias de conhecimentos científicos, retomando a reflexão da literatura especializada como matéria-prima para a compreensão e escrita sobre a área de interesse do pesquisador.

Alguns parâmetros adotados por Zambello *et al.* (2018) para a leitura do material envolve o desafio de assimilar determinados conhecimentos e transmiti-los para o interlocutor. Para isso, torna-se fundamental respeitar outras obras e elaborar uma leitura proveitosa que permita estudar o material de modo mais profundo. Meneghetti (2011) defende que o ensaio teórico abrange reflexões mais densas e críticas sem estarem dominadas, necessariamente, pelo formalismo da ciência. Há uma concepção histórica de que os ensaios quebram a lógica esquemática e sistemática da ciência, aproximando-se muito mais da capacidade reflexiva para compreender a realidade. Em termos de especialização crescente do conhecimento, da velocidade, diante da criação de novas técnicas atendendo a uma necessidade singular de estudos com impacto tanto social quanto da própria academia.

Portanto, para atingir os objetivos dessa dissertação teórica, foi realizado levantamento preliminar a partir de diferentes fontes, bem como leitura de materiais encontrados, seguindo as orientações de Zambello *et al.* (2018). Assim, realizou-se o processo de pesquisa sobre ressignificação do sofrimento e adoecimento mental com

equipes de saúde a partir da fotografia e, ainda, o uso de fotografia como promoção de saúde mental no trabalho para equipes que trabalhadores da rede pública. Não foram encontrados manuscritos, no Brasil, publicados na *web* que usavam a fotografia como ressignificação do sofrimento e promoção de saúde mental no trabalho para trabalhadores da saúde, o que legitima a originalidade do estudo em questão, cumprindo um importante requisito na pós-graduação e comprometimento do fomento de pesquisa com relevância social e acadêmica.

Antes de optar por tais procedimentos metodológicos, cogitou-se a possibilidade de uma revisão integrativa de literatura. Nesse sentido, utilizou-se os descritores ‘psicologia do trabalho’ (AND) ‘fotografia’ (AND) ‘ressignificação’ (AND) ‘equipe de saúde’ (OR) ‘hospital’, os quais foram buscados na BVS e no DeCS/MeSH (Descritores em Ciências da Saúde) conforme um recorte temporal de 10 anos entre 2012 e 2022 e sem recorte temporal. Visto que não foram encontrados resultados, no Brasil, compatíveis com a pesquisa, ainda foram acessadas bases de dados indexadas na área de Ciências da Saúde, por exemplo Periódicos CAPES/MEC (<https://www.periodicos.capes.gov.br>), Periódicos Eletrônicos em Psicologia (<http://pepsic.bvsalud.org>), *Scientific Electronic Library Online* (<https://www.scielo.org>), BVS Psicologia Brasil (<http://www.bvs-psi.org.br>) e Literatura Latino-Americana e do Caribe em Ciências (<https://lilacs.bvsalud.org>) e o próprio Google Acadêmico (<https://scholar.google.com.br/>), todos na língua portuguesa, no Brasil.

Após leitura minuciosa de cada manuscrito, dentre os resultados encontrados, não havia integração entre os descritores usados. Os temas eram isolados. Ou seja, alguns manuscritos tinham como base o uso de fotografia como recurso terapêutico ou como instrumento de pesquisa para atingir outros objetivos, mas não como um processo de ressignificação, nem como promoção de saúde mental para o foco da pesquisa, que é o da equipe de saúde de hospitais da rede pública. Ou outros que tinham aprofundamento sobre estratégias de ressignificação, até com equipe de saúde, mas sem o uso da fotografia, bem como outras combinações isoladas, sem ir ao encontro do foco e objetivos do presente trabalho. Todavia, alguns dos materiais encontrados foram utilizados para a construção da dissertação e, por isso, a mudança da estratégia de revisão para o ensaio teórico.

Soares, Picolli e Casagrande (2018) explicam que cada tipo de texto científico apresenta um propósito específico com características próprias, por isso avaliar um estudo empírico sob o viés de um ensaio teórico pode ser inadequado. O mais interessante é que os autores defendem que a característica mais marcante do ensaio teórico é justamente

sua originalidade, a questão da novidade. E que tal originalidade pode estar na argumentação, no objeto de análise, no recorte, na subversão da racionalidade dominante.

Realizar um ensaio teórico na presente pesquisa proporciona analisar a fotografia sob uma perspectiva mais aberta sobre as ferramentas que os trabalhadores da saúde podem encontrar em seu dia a dia para ampliar o leque de possibilidades de intervenção psicológica, analisar a fotografia no trabalho para uma possível reinserção social, resgatar o sentimento de fazer parte de algum lugar e de uma história.

Também foram incorporados à pesquisa a Psicodinâmica do Trabalho para analisar as dinâmicas e complexidades dos trabalhadores da saúde. Segundo Mendes (2007), teoria e método na Psicodinâmica do Trabalho são indissociáveis. Ela se preocupa em estudar a relação entre o jogo de dominação social, a organização de trabalho, modos de gestão, relações de prazer/sofrimento e saúde/doença no trabalho. Tal perspectiva teórico-metodológica ajuda na compreensão de como os trabalhadores podem elaborar e perlaborar as dinâmicas do trabalho, podendo transformar, ressignificar as fontes de sofrimento e adoecimento em estratégias mais prazerosas e saudáveis no trabalho (SOUZA e MENDES, 2016).

Capítulo 5 - Sugestão metodológica do uso da fotografia na organização hospitalar

5.1. A potência da fotografia para projetos e ações nos hospitais

A palavra Ressignificação implica em dar outro sentido ao sofrimento, reconhecendo que algo já estava presente no campo simbólico (BOLONHA e GOMES, 2019). E que, ao entrar em contato com seus conteúdos, o trabalhador pode ter mais possibilidades de refletir a respeito das angústias que sofre no ambiente profissional, proporcionando a elaboração de novos significados aos acontecimentos.

O Trabalho exerce papel central na rotina dos trabalhadores pois as pessoas se articulam ao redor das atividades do trabalho, e pela proporção de tal dimensão é que o fenômeno do trabalho se torna um objeto de estudo relevante. Tal discussão também precisa ser de interesse das organizações, em detrimento dos afastamentos por transtornos mentais e comportamentais serem causas para a incapacidade para o trabalho. Contudo o capitalismo centralizado em uma ótica de aumento da produtividade e lucro

máximo acaba comprometendo o bem-estar dos trabalhadores (BOLONHA e GOMES, 2019).

Barelli (2019) explora de que forma a Fotografia envolve a dimensão do mundo interno e externo, pois as imagens motivam novas práticas de saúde e promovem o cuidado de si e do outro. Enquanto a fotografia é uma ferramenta que auxilia a compreensão e reflexão sobre dinâmicas de personalidade e adesão a tratamentos, períodos turbulentos, sendo uma nova possibilidade terapêutica para os usuários visando discutir os sentidos de uma imagem e os símbolos que elas contêm (MONTEIRO, 2014).

Há um elemento na fotografia que pode contribuir com a ressignificação de eventos, a estética. Envoltos no cotidiano, os trabalhadores da saúde possuem uma percepção da realidade repetitiva e rotineira. Todavia a edição de imagens, elevação de cores e iluminação podem contribuir para uma percepção mais bela do ofício. Segundo Freitas (2012), a fotografia faz reviver o senso de existência, é um processo social de construção da subjetividade, as imagens podem desencadear um outro modo de olhar o mundo. Portanto a estética, tão utilizada ao longo dos séculos para demarcar correntes de pensamento, pode aperfeiçoar as possibilidades de apresentação de fatos, pessoas, objetos e acontecimentos.

A fotografia busca uma torsão das relações de visibilidade onde oficinas podem promover a produção de imagens por convidados, abrindo um campo de exploração de sensibilidades para que as pessoas compreendam mais sobre si mesmas. Culminando no encontro entre um sujeito e uma tecnologia, não sendo meramente uma réplica da realidade. A fotografia, para os Mauren e Maraschin (2008), envolve a forma com que os participantes irão se relacionar com a instituição, permitindo a produção de singularidades e uma rede de sentidos a serem compartilhados no coletivo. Tais efeitos são interessantes não apenas para os usuários, mas também para a instituição, no sentido de as imagens manifestarem relações de poder e durante oficinas os participantes terem a experiência de se sentirem como parte ativa do processo de internação, onde serão vistos e escutados (MAURENTE e MARASCHIN, 2008).

Além de fomentar discussões, a fotografia é uma chance de projetar conteúdos espontaneamente. No caso dos trabalhadores do campo da saúde, a rotina é tão intensa que há poucos momentos nos quais podem verbalizar sobre seus sentimentos em relação a perdas e dificuldades. Para Monteiro (2014), as fotografias consistem em uma estratégia visando flexibilizar a comunicação, comunica-se com estilo e estética, sendo possível extrair de imagens um processo de pensamento. E que pode constituir um

método de pesquisa atrelado ao saber psicológico no contexto da saúde pública. Ou seja, a fotografia de trabalhadores da saúde surge como uma proposta metodológica para ressignificar o sofrimento ou adoecimento, visando utilizar as imagens como recurso para a promoção de saúde para a equipe de saúde.

O uso da fotografia como técnica de coletas de dados em pesquisas qualitativas da área da saúde apresenta uma série de benefícios. Por exemplo, o método incentivo da reflexão e criatividade. Por ser uma técnica informal, a fotografia rompe com a formalidade das entrevistas, capta impressões subjetivas e significados, fortalece o engajamento dos participantes e seu protagonismo (ALVES, 2021).

Os métodos visuais, conforme Alves (2021), aumentam a qualidade dos dados adicionando camadas adicionais de significados e profundidade. As fotografias expressam ideias de forma não verbal, investigam conteúdos inconscientes, promovem diálogo e ambiente favorável à elucidação de características subjetivas não verbalizadas. Além disso, os métodos visuais fazem parte de novas técnicas de coleta de dados, estando associado à compreensão de novos modos de investigação, incorporam o lúdico às atividades, rompem com a formalidade, incentivam a curiosidade, promovem bem-estar, contribuem para construir conhecimentos por meio de pesquisas colaborativas.

Santos Júnior (2018) realizou uma revisão de escopo do uso da fotografia nas pesquisas qualitativas da área da saúde e destacou que o objetivo da fotografia na psicologia envolve a atribuição de significados. E que a fotografia comporta diversas funcionalidades como: suporte à memória, materialidade mediadora no atendimento individual e grupal, trabalho de tradução. E pode ser aplicada em parceria com outras ferramentas de pesquisa, pois compõe um objeto multifacetado. Dentre essas facetas está o tipo de estudo, análise histórica, etnografia, a possibilidade de incorporar imagens a sessões terapêuticas de trabalhadores em grupo ou até mesmo a construção de novas lembranças para os participantes ressignificarem suas vivências.

A fotografia também pode ser usada como um dispositivo de memória individual e coletiva, captando narrativas pessoais e comunitárias. E em um cenário de tantos avanços tecnológicos, a fotografia tornou-se um artefato social, carregando marcas sociais, culturais e temporais. O uso da fotografia constrói formas de produção imagética, verifica a contemporaneidade e torna a fotografia mais acessível para a pesquisa acadêmica através de instrumentos eletrônicos que já fazem parte do cotidiano das pessoas (SANTOS JÚNIOR, 2018).

Em seu artigo “A fotografia como ferramenta pedagógica de acessibilidade: ações que promovem reações”, Alves (2021) ressalta a importância das vertentes artísticas para o desenvolvimento de estágios de emoção e bem-estar pessoais, pois a arteterapia trabalha com expressão corporal, melhora psicossomática, características emocionais e afetivas das pessoas. Logo a arte pode ser uma ferramenta favorável para promoção de ações positivas, realizações pessoais e coletivas. A fotografia é uma maneira de gerar atenção através da exposição, pois suscita sensações mistas e satisfatórias. A imagem, conforme o autor, é um ato dinamizador estimulante de sorrisos e sentimentos de forma salutar. Além da fotografia preservar um momento na vida de cada um, a dinâmica de fotografar pode envolver sorrisos, abraços, fala, olhar e a possibilidade de criar bons sentimentos fazendo uso de um recurso diferenciado.

A fotografia pode ser associada a uma metáfora, através da qual a comunicação de eventos pode acontecer fundamentalmente, em que códigos se transformam em imagens e facilitam transmitir mensagens que a princípio seriam muito difíceis de serem repassadas. E essa significação afeta não só quem produziu a imagem, mas também afeta quem está sendo fotografado. O fotógrafo realiza um exercício de liberdade, na qual consegue tirar as pessoas fotografadas do lugar de vítimas para autores de suas verdades. A construção de oficinas fotográficas para que trabalhadores do campo da saúde compartilhem seu dia a dia pode ser uma ferramenta interessante de comunicação de conteúdo (FREITAS, 2012).

Ao longo da experiência do autor como agente administrativo da Secretaria de Estado de Saúde do Amazonas – SUSAM, o mesmo realizou ações fotográficas voltados para trabalhadores dos seguintes hospitais: Hospital e Pronto Socorro 28 de Agosto e Instituto de Saúde da Criança do Amazonas. No primeiro houve o registro fotográfico de atividades fisioterápicas e relaxantes para os servidores do Pronto Socorro, promovidas pelo Serviço Social bastante engajado em promover bem-estar e autocuidado para os trabalhadores.

A título de exemplificação, a ação Além das Máscaras abrangeu todos os setores do Hospital e Pronto Socorro 28 de Agosto durante o pico da pandemia de Covid-19 e homenageou os servidores que perderam a vida neste período. Enquanto no ICAM, o autor teve oportunidade de realizar uma ação em homenagem ao Dia das Mães, todavia fotografando principalmente as mães trabalhadoras que geralmente são negligenciadas nessas datas, reconhecendo a importância de trazer à luz o quanto elas sustentam o

instituto cuidando dos pacientes menores de 18 anos e com as mais variadas comorbidades.

Algo em comum em todas as ações e projetos fotográficos do autor foi o compartilhamento das imagens com os trabalhadores do hospital, visto que se utilizou uma câmera fotográfica profissional e nada mais justo que eles também usufruíssem da qualidade das imagens. Sendo essa mais uma forma de democratizar a fotografia para aproximar os servidores e ampliar a experiência do registro fotográfico. Pois aquele momento, captado em instantes, repercute durante os dias seguintes enquanto os trabalhadores mostram as fotos para colegas de trabalho e até familiares.

Além disso, outra característica importante é o caráter multidisciplinar, interdisciplinar e transdisciplinar da ação fotográfica. Pois antes da realização das atividades, sempre foi importante o diálogo com profissionais de outras áreas para organizar as iniciativas e compreender algo fundamental: o funcionamento do hospital. Embora pareça intuitivo, cada unidade é como um organismo vivo em que os setores funcionam como órgãos vitais e entender desde quando o atendimento ao paciente começa a ser processado é fundamental para percorrer todo o corpo hospitalar.

Essa parte de dialogar com a direção, núcleo de educação permanente e serviço social é bastante importante para alargar a máquina de visão, ter consciência da cultura do espaço que está sendo fotografado. Logo, o presente estudo também almeja tensionar linhas de visibilidade para minimizar relações de poder estabelecidas pelas instituições, conforme corroborado por Tittoni e Tschiedel (2020). Para que todos se sintam contemplados com a ação fotográfica, é necessário não apenas conhecer os setores de uma unidade, mas também saber os horários dos trabalhadores, trocas de plantões, turnos, momentos em que estejam mais disponíveis para pausar o serviço durante alguns minutos. Esse cuidado pode melhorar as possibilidades do fotografar e abranger o máximo de trabalhadores pela unidade.

A fotografia pode promover saúde mental através do empoderamento dos sujeitos. E quando se fala em hospitais, geralmente o primeiro pensamento das pessoas em geral é lembrar de enfermeiros e médicos. Todavia às vezes existe uma cisão na unidade, em que servidores terceirizados não se sentem tão prestigiados quanto servidores concursados. Isso porque as normas são diferentes, muitas vezes o que é determinado pelo Estado e para trabalhadores diaristas pode não se aplicar a trabalhadores terceirizados, como feriados e pontos facultativos, então até mesmo há uma diferença dependendo os plantões para os quais os servidores estão escalados. Por

isso é fundamental que as ações fotográficas também abranjam equipes que geralmente ficam à margem de projetos de intervenção, por exemplo nutricionistas, cozinheiros, maqueiros, recepcionistas, seguranças e agentes da limpeza (SILVA *et al.*, 2021).

Em um hospital, o fenômeno saúde-doença é tão intenso que muito conteúdo vem à tona, e os trabalhadores não ficam imunes às reações dos acompanhantes ou até mesmo da gestão. Todavia é possível que a fotografia sirva como recurso para melhorar o dia dessas pessoas, minimizando situações de constrangimento principalmente de quem trabalha diretamente com atendimento ao público e as prestigiar pela coragem de manter-se de pé quando não podem desmoronar. Pequenos momentos, como convidar alguém da recepção ou segurança para ser homenageado, servem para mostrar o potencial da fotografia para ressignificar traumas, violências sofridas, estigmas e rejeição.

O pesquisador está em planejamento de implantação de estudos fotográficos nas unidades hospitalares. Por isso, é necessário esclarecer que a menção a ações e projetos fotográficos realizados pelo mesmo foi citado na presente dissertação apenas para fins empíricos. A partir dessas experiências, é possível criar um percurso metodológico para utilizar a fotografia como ferramenta para promoção de saúde e ressignificação de sofrimento para trabalhadores dos hospitais.

O uso da fotografia como proposta metodológica reconhece os benefícios do método para a humanização dos trabalhadores, incentivo ao fortalecimento do engajamento e protagonismo de setores que geralmente são esquecidos nas pesquisas. A fotografia pode promover discussões bastante válidas, conforme Alves (2021), ao permitir técnicas projetivas e pesquisas colaborativas. Todavia não se precisa mais manusear uma câmera digital para captar imagens em alta definição, conforme o parágrafo a seguir irá tratar.

A democratização do uso da fotografia se dá através da utilização de câmeras disponíveis em aparelhos de celular, e é justamente com tal ferramenta que atualmente é possível capturar imagens em alta definição sem a utilização de equipamentos mais sofisticados. É possível realizar ações fotográficas com fotografias de elevada qualidade pelo celular e reforço no aperfeiçoamento de imagens por aplicativos (MACHADO e ZANELLA, 2022).

O uso de aplicativos de edição de imagens, como Lightroom e Photoshop Express, está relacionado à importância da estética e psicologia das cores. Muito da intenção de uma foto está relacionada às cores, por exemplo o preto e branco eleva o drama de uma imagem, enquanto tons quentes resgatam a vivacidade de ambientes

intocados pela luz solar. Permitir que os trabalhadores se enxerguem em uma imagem esteticamente agradável pode permitir que os mesmos ressignifiquem cenários que habitam todos os dias. Utilizar aplicativos para edição de imagens de um hospital é como dar mais vida a ambientes pálidos com uma varinha de condão na palma da mão.

Dentre os desafios enfrentados para realizar uma ação fotográfica no hospital, encontra-se o risco de contaminação pelo ar, a necessidade de um prazo temporal suficiente para visitar diversos setores em plantões distintos, elaborar um projeto escrito para apresentação ao Núcleo de Educação Permanente do hospital, elaborar uma carta de anuência para a gestão autorizar a ação. Além de elaboração de termo de autorização de direitos autorais de imagens dos trabalhadores para impressão, compartilhamento nas redes sociais da unidade ou exposição fotográfica no hospital.

Por isso, torna-se necessário a utilização de equipamentos de proteção individual pelo fotógrafo, conhecimento acerca de trocas de plantões, autorização da direção para fotografar e das pessoas fotografadas. Isso minimiza o risco de contaminação e evita problemas como a violação de direitos de imagem das pessoas.

A metodologia de implantação de ação fotográfica demanda o conhecimento do fotógrafo pelo núcleo hospitalar, os horários de alternância entre os plantões, levantamento de setores e melhores horários para realização das fotografias, anuência assinada pela gestão da unidade permitindo a realização da ação, compartilhamento das imagens com os trabalhadores via digital através de contato com superiores dos setores a fim de que eles também compartilhem as fotos, ampla divulgação na unidade para que mais setores possíveis sintam-se contemplados e participem da ação e se possível uma exposição fotográfica para exibição das imagens em pontos estratégicos do hospital que haja maior parte de movimentação de pessoas como corredores e ponto eletrônico. Ao destacar as possíveis intervenções realizadas em ações fotográficas, é importante ressaltar o quanto fotos suscitam emoções nas equipes de saúde, por isso o tópico a seguir irá discutir de que maneira a fotografia contribui como recurso de promoção de saúde mental para esses trabalhadores.

Para Silva Ribeiro *et al.* (2022) a fotografia possui uma poderosa ligação com a saúde mental, por conectar o sujeito ao mundo ao seu redor de maneira remota, trazendo à tona conteúdos singulares e empoderando os sujeitos. Novamente, surge nesse material, as oficinas fotográficas como um recurso de enfrentamento às angústias psíquicas, e reforçando o quanto estudos nesse âmbito são relevantes para valorizar a subjetividade dos indivíduos.

A fotografia promove um método intitulado “fotovoz” articulando imagens e narrativas. A revitalização de temas através de imagens surge como uma maneira de trazer à frente estigmas que a princípio seriam internalizados pelo usuário. A fotovoz permite a análise da fotografia conforme seu contexto histórico, permitindo acesso a lugares, pessoas e circunstâncias nas quais dificilmente o telespectador teria algum tipo de entrada. Logo, há uma experiência de interligação da mente, corpo e ambiente (PEIXOTO e SERPA, 2022).

Em suas oficinas de fotografia, Machado e Zanella (2022) perceberam que a fotografia não apenas era relevante como atividade para os participantes, como também funciona como recurso para trazer à tona temas não discutidos nas instituições. Ou seja, a fotografia abrange uma dimensão discursiva e dialógica que auxilia em fatores como socialização, bem-estar e expressão.

A fotografia proporciona novas ferramentas de tratamento e suporte à saúde mental, pois suscita temas como memória, subjetividade, a maneira como enxerga-se o próximo, mudanças de expressão, gestos, olhar e autoestima (MONTEIRO, 2014). Maurense e Maraschin (2008) relatam o ato de fotografar como uma experiência de si, convidando os sujeitos a produzirem imagens em um contexto em que geralmente se sentem objetificados.

A análise da fotografia como recurso terapêutico em um CAPS vislumbra a possibilidade de novos olhares, Freitas (2012) explora a formação da subjetividade através do papel que a imagem exerce como metáfora do cotidiano, revelando um inconsciente ótico, desencadeando um outro modo de olhar o mundo, melhorando possibilidades de apresentar fatos e a construção de novos significados.

O recurso da produção de imagens é uma forma de colocar em análise o trabalho na atenção básica em saúde através de novos modos de olhar elaborados socialmente (TITTONI e TSCHIEDEL, 2020). E que a intervenção por ações fotográficas busca furar a bolha de uma lógica institucional, pois tencionam linhas de visibilidade, envolvendo relações de poder estabelecidas pela instituição.

A questão levantada por Tittoni e Tschiedel (2020) envolve a reverberação da fotografia na hierarquia das instituições. Por trabalhar na elaboração de afetos, a fotografia assume a necessidade do ser humano possuir um lugar no mundo, onde possa existir com propósito. E as linhas que envolvem relações de poder são bastante estabelecidas pelas instituições do trabalho, logo a fotografia ao promover bem-estar e

engajamento entre os trabalhadores pode diminuir o sentimento de desigualdade e resgatar a ideia de valorização do coletivo.

A fotografia fornece um olhar voltado para o autoconhecimento, restaurador de autoestima e promovedor de bem-estar (MOREIRA e SANTOS, 2019). Por isso foi realizada uma ação com pacientes com câncer, utilizando a fotografia conforme um método arteterapêutico focado na qualidade de vida de pacientes em tratamento. O uso da fotografia repercute novos modos de fazer em Psicologia, embora haja uma banalização do instrumento da fotografia em redes sociais, a fotografia é potente justamente por popularizar e difundir uma ferramenta que pode fortalecer pesquisas da academia, além disso outras pessoas podem realizar projetos pelo país utilizando a fotografia como fonte de promoção de saúde. Por isso, no tópico a seguir serão fornecidos exemplos de ações fotográficas em hospitais e o quanto a fotografia pode contribuir na promoção de saúde mental no trabalho e democratização do espaço do hospital como produtor de conhecimento.

5.2 A Fotografia entra no Hospital

Neste tópico são analisadas ações fotográficas e o contexto em que algumas fotos podem ser inseridas para fortalecer mensagens sobre o contexto hospitalar. Nosso objetivo nessa parte é trazer uma amostra de imagens que utilizaram a proposta do registro fotográfico como ferramenta para transmitir uma mensagem, melhorar a autoestima dos trabalhadores ou até mesmo como recurso para sensibilizar o leitor. As matérias identificadas evidenciaram fotografias e narrativas que corroboraram com os ideais da presente dissertação e podem ilustrar a pesquisa.



Figura 1: Médica Covid Profissional - Fonte: Medicina S/A, 2021. Pode colocar o link aqui. Isso serve para todas as fotos. Disponível em: <https://medicinasa.com.br/hcor-saude-mental/>

A figura 1 foi destaque de uma matéria do Instituto de Pesquisa Hcor (2021), a respeito da criação de um programa de saúde mental para trabalhadores tanto da rede pública quanto da rede privada que precisaram enfrentar situações estressoras no Pós-Pandemia de Covid-19 no Brasil. Se repararmos bem, a imagem ilustra o olhar reflexivo de uma trabalhadora diante do nascer ou pôr do sol. E serve para sensibilizar o leitor a respeito da rotina interna na qual esses trabalhadores vivem, observando o passar do dia fechados em uma unidade hospitalar. Além disso, a matéria ressalta a ideia de melhorar condições sociais e de trabalho para que equipes até mesmo administrativas recebam assistência à saúde, estimulando um ambiente com maior autocuidado, prevenção e promoção de saúde. Logo, revela-se brevemente o potencial da imagem para transmitir uma mensagem e complementar o texto.



Figura 2: Mural Setembro Amarelo. Fonte: ADORNELLAS, J. 2020. Disponível em: <https://www.saude.go.gov.br/noticias/764-coronavirus/11598-hospital-de-itumbiara-promove-acao-sobre-saude-mental>

A figura 2 revela uma programação especial em função do Setembro Amarelo, uma campanha de sensibilização e prevenção do suicídio promovida pela equipe de psicologia do Hospital Regional de Itumbiara São Marcos. Além de ilustrar a notícia, tal foto demonstra uma ação de caráter visual para atrair a atenção dos trabalhadores do hospital a fim de levantar um debate de como driblar a depressão e a ansiedade. Além disso, os psicólogos entregaram panfletos para as equipes com a intenção de chamar a atenção das equipes de um hospital de campanha para os cuidados com a saúde mental, pelos trabalhadores estarem sujeitos a estresse, exaustão física e mental.

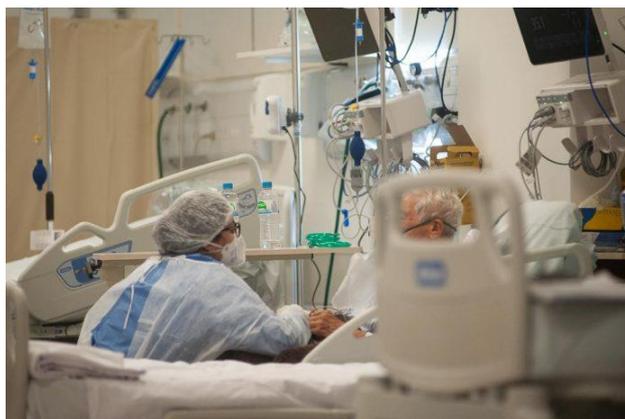


Figura 3: Relatos do Front. Fonte: MACHADO, F.S, 2022. Disponível em:
<https://doi.org/10.1590/ES.239797>

A figura 3 ilustra o relato da enfermeira Rúbia Guimarães Ribeiro, a qual descreveu a pandemia como uma situação tão urgente que as pessoas não se escutavam. Ou seja, a figurabilidade é importante por dar visibilidade ao serviço desempenhado por profissionais próximos dos pacientes em um momento em que eles mesmos enfrentavam o isolamento social pelo risco de transmissão viral. Além da imagem fortalecer a mensagem de Rúbia sobre estresse.

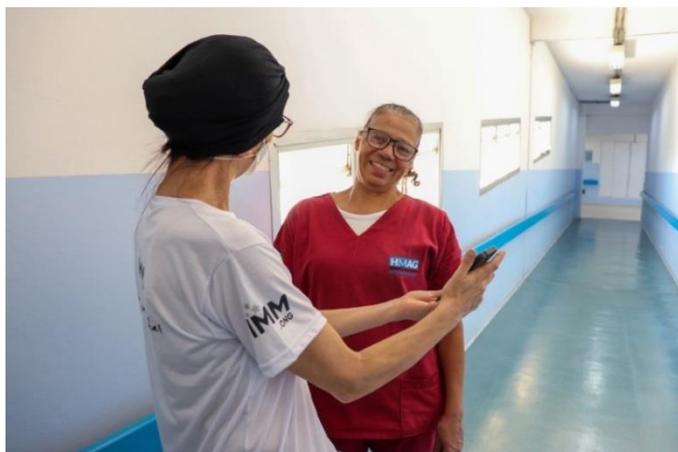


Figura 4: Oficina de Fotografia. Fonte: GILIOTTI, D. 2021. Disponível em:
<https://www.oeste360.com/noticia/23310/oficina-de-fotografia-promove-reflexoes-sobre-cuidado-e-humanizacao-em-hospital-de-osasco-sp>

A figura 4 faz parte de uma oficina de fotografia realizada no Hospital Municipal Antônio Giglio, de Osasco (SP). O projeto abrangeu diversas atividades para estimular o olhar dos trabalhadores da saúde a respeito do espaço e a relação de acolhimento entre si e com os pacientes. A oficina fotográfica da unidade promoveu encontros dos trabalhadores para enxergar o ambiente hospitalar sob outra ótica, a fotografia foi utilizada de forma lúdica, com discussões e troca de material visual construído pelos

participantes da oficina. Em seguida, houve uma exposição das fotos nos corredores da instituição, para levar mais cor e afeto ao hospital.



Figura 5: Programa Qualidade de Vida. Fonte: FERNANDES, M. 2021. Disponível em: <https://www.ceara.gov.br/2021/01/27/hospitais-estaduais-acompanham-saude-mental-de-profissionais-durante-pandemia/>

A figura 8 foi realizada durante o Programa Qualidade de Vida no Trabalho, criado pelo Hospital de Saúde Mental Professor Frota Pinto (HSM) e o Hospital Geral Dr. Waldemar Alcântara (HGWA) vinculados à Secretaria da Saúde do Ceará. E demonstra a importância da implantação de projetos que cada vez mais possam contemplar a saúde mental dos trabalhadores hospitalares. Por exemplo, através de práticas integrativas, atendimento psicológico, terapias holísticas, acupuntura, musicoterapia. As vertentes artísticas podem cada vez mais fortalecer o desenvolvimento de estágios de emoção e bem-estar nas pessoas, de acordo com Alves (2021).



Figura 6: Luto e homenagem. Fonte: VINAGRE, B, 2020. Disponível em: <https://www.culturaamazonica.com.br/2020/06/23/alem-das-mascaras-projeto-fotografico-registra-servidores-do-hps-28-de-agosto-na-linha-frente-ao-combate-a-covid-19/?fbclid=IwAR1kP9pseoh02PykJIBAsEDOTMqXpT2bhInQghEr3fi9Xaf6sZEujmdTHjM>

A figura 5 destaca a homenagem de uma equipe de enfermagem ao cirurgião plástico Dr. Carlos Medeiros, falecido em abril de 2020. A fotografia foi realizada no Centro de Tratamento de Queimados do Hospital e Pronto Socorro 28 de Agosto, o maior hospital da capital Manaus. Àquela época, os velórios foram suspensos sob risco de contaminação. Então a foto foi a maneira que os trabalhadores tiveram de despedida do líder do setor. Novamente reforçando o papel da fotografia como um instrumento multifacetado, objeto mediador de emoções que projeta conteúdos completos como o luto, conforme reiterado por Júnior (2018). Além disso, a imagem foi compartilhada por familiares do cirurgião, os quais agradeceram a homenagem, criando uma ponte entre a situação vivenciada no interior do hospital e expandindo aquela emoção para fora da unidade.



Figura 7: Setores Diversos. Fonte: ALÉM DAS MÁSCARAS, 2020. Disponível em:

<https://doi.org/10.18310/2446-4813.2020v6n2%20Suplemp103-114>

A figura 6 ilustra um cartaz da ação fotográfica Além das Máscaras, reunindo trabalhadores de diversas áreas geralmente esquecidas quando se fala sobre trabalhadores do hospital, por exemplo: profissionais de segurança, limpeza, cozinha, recepção e nutrição. Demonstrando o poder da fotografia ao dar visibilidade a equipes

multi e interdisciplinares, abrangendo servidores efetivos das unidades e também terceirizados ou voluntários e temporários. Em concordância com TITTONI e TSCHIEDEL (2020), são fundamentais ações que proporcionem visibilidade para minimizar desigualdades sociais existentes em um espaço de trabalho.



Figura 8: Exposição das fotos em elevadores. Fonte: SECRETARIA DE SAÚDE DO ESTADO DO AMAZONAS, 2020. Disponível em: <http://www.saude.am.gov.br/visualizar-noticia.php?id=4796&fbclid=IwAR1ezG72BKDA6FkWn5PQ5KRKyHGpBatuiSgkqr2xb9yDW4ndSb-wtecc2GQ>

A figura 7 ilustra a exposição fotográfica das imagens da ação Além das Máscaras, diferentes colagens foram adesivadas nos elevadores da unidade, na figura em específico há trabalhadores visualizando homenagens a colegas que faleceram durante o pico da pandemia de Covid-19 no ano de 2020. A ação permitiu que as fotos fossem eternizadas na estrutura do Pronto Socorro, sendo incorporadas ao dia a dia de trabalhadores e pacientes. As imagens colore o espaço, dando mais significado ao ambiente e apresentam a fotografia como um instrumento intuitivo com um potencial inversamente proporcional à simplicidade da ação.

5.3 Orientações metodológicas do uso da fotografia no contexto hospitalar: propósitos e procedimentos

Embora os hospitais sejam locais de produção de saúde, as equipes não estão imunes ao adoecimento psicossomático em detrimento da excessiva carga de trabalho e a presença de conflitos em elevado nível de tensão. Os trabalhadores da saúde trabalham diariamente com a manutenção da vida e lidam com perdas de pacientes e colegas de

trabalho. A fotografia é uma forma de amenizar a angústia da rotina intensa dos trabalhadores da saúde e pode colaborar com a manutenção da saúde mental por meio de práticas inclusivas.

Esta categoria destaca a importância da implantação de novos métodos de inserção da fotografia em unidades hospitalares, fundamentada nas experiências pessoais do autor e na transmissão de conhecimentos de fotografia, os quais conforme os capítulos anteriores podem proporcionar saúde mental para trabalhadores da saúde. A proposta aqui apresentada destaca o papel multifacetado do responsável pela ação fotográfica, que deve possuir um olhar atento às dinâmicas inter e multidisciplinares da instituição pois seu trabalho irá permear as necessidades de outros trabalhadores e o dia a dia dos mesmos.

Nesse sentido, o presente estudo não deve limitar-se apenas a profissionais ou estudantes de Psicologia. A fotografia é uma ferramenta bastante democrática nos dias atuais, tem-se mostrado eficiente no cotidiano das pessoas. Justamente por isso qualquer trabalhador da saúde pode realizar uma ação fotográfica, desde que esteja aberto a desenvolver tal trabalho com responsabilidade e atitude de aprendizado.

Em função da progressiva capacidade de uma unidade hospitalar em atender uma variedade de casos, intensificam-se rotinas de trabalho com turnos alternados e os mais diversos setores, os quais comunicam-se entre si no atendimento final ao usuário. Compreender esse fluxo hospitalar é fundamental para a execução de qualquer atividade a ser realizada no interior da unidade, com o conhecimento de trocas de plantões ou melhor horário de ida ao setor para não interferir negativamente na rotina.

Toda ação contempla questões morais e éticas, é fundamental alertar os leitores da importância de se respaldarem eticamente com a instituição antes da realização de qualquer implementação. Isso consiste em escrever suas ideias, o famoso “colocar no papel”. Um setor que pode contribuir bastante com essa parte é o Núcleo de Educação Permanente (NEP) do hospital, (esse nome e setor pode variar de estado para estado), o qual precisa contar com uma equipe ou profissional interessados em promover aprendizagem e realizar a mediação entre o responsável pela ação fotográfica e a própria direção do hospital.

Neste contato com o NEP, o trabalhador é confrontado pelo funcionamento das relações de poder na unidade, o quão abertos para ações a unidade estará. Por isso, é necessário organizar-se para explicar da forma mais clara possível no que consistirá a ação fotográfica e de que maneira isso pode contribuir com o bem-estar dos

trabalhadores. A seguir, deverá ser realizado um projeto, um documento para apresentação da proposta à direção. O NEP pode fornecer um modelo de documento, os modelos podem variar conforme a organização da unidade hospitalar.

É importante destacar o quão imprescindível a elaboração de uma carta de anuência destinada ao gestor (a) da unidade hospitalar, é uma declaração na qual a pessoa responsável pelo hospital autoriza a realização de uma ação fotográfica sem caráter comercial. Caso haja interesse de futura publicação de relato pessoal ou utilização das imagens para compor alguma outra atividade, é necessário especificar desde o começo para que o gestor esteja ciente. Isso é especial porque gestões podem ser bastante passageiras e, até conseguir nova autorização, uma gestão diferente pode mostrar-se resistente a autorizar algo realizado em uma direção anterior.

As imagens podem compor uma exposição fotográfica dentro da própria unidade, para que as pessoas se vejam nas paredes e ressignifiquem suas vivências hospitalares. Por isso, recomenda-se que juntamente à Carta de Anuência o responsável pela ação realize o anexo de um termo de cessão do uso de imagem (TCUI) e do termo de consentimento livre e esclarecido (TCLE) respaldado nas resoluções 466/12 e 510/16; bem como a carta circular 166/2018, que detalha sobre o direito do uso de imagem, para elaboração do texto do TCUI (CNS, 2012; 2016; 2018).

Isso acontece para que o responsável pela ação fotográfica possa coletar a autorização dos trabalhadores para utilização da imagem dos mesmos em exposições futuras, é um documento bastante importante que deve ser apresentado à gestão hospitalar e assinado individualmente por cada participante. Esse documento também demonstra o compromisso do autor com a iniciativa e o realizador pode solicitar uma possível autorização da gestão para impressão dos documentos em impressoras do hospital.

Após coletar a autorização da gestão do hospital, é preciso conhecer a rotina dos trabalhadores da saúde, suas escalas e plantões, no intuito de criar uma agenda e cronograma das atividades para os ensaios fotográficos. Por essa razão, recomenda-se um diálogo prévio com o Serviço Social. Geralmente o setor está ciente de outras iniciativas, então pode contribuir com o fornecimento de um documento com o fluxo hospitalar. Assim, fica mais claro para o responsável pela ação o funcionamento do hospital. E já se torna uma boa oportunidade de divulgar a iniciativa com os outros colegas, convidando-os a participarem e serem fotografados.

Essa parte da divulgação é vital para a realização de qualquer ação fotográfica. Afinal, muitos trabalhadores de outros setores podem queixar-se que não foram convidados ou não estavam cientes da iniciativa, sentindo-se excluídos. Posto isto, recomenda-se a elaboração de um cartaz para divulgação local da pesquisa e certificar-se que a proposta se amplifique a todos os setores do hospital. Por tratar-se de algo fotográfico, para despertar a atenção dos trabalhadores, o projeto pode conquistar o leitor através de cores vivas e imagens ilustrativas de trabalhadores e a mensagem tem que ser clara no sentido que todos são bem-vindos para participar. Essas imagens podem ser de bancos de dados digitais gratuitos da internet, desde que se referencie e dê autoria para os fotógrafos e autores das matérias, inserindo as devidas fontes, ou mesmo dos primeiros setores que o responsável conseguiu fotografar.

Outro momento muito importante da ação é a familiaridade do responsável com a fotografia. A princípio, aconselha-se a utilização de equipamentos semiprofissionais como uma Câmera Canon T7, todavia isso demanda conhecimentos específicos de manuseio do equipamento e até mesmo de transmissão das fotografias para um computador. Por outro lado há a praticidade da tecnologia de smartphones que cada vez mais entregam as fotografias prontas em um curto intervalo de tempo. Isso leva ao parágrafo a seguir que discute entre a diferença de resultados fotográficos entre uma câmera profissional e um celular. Todavia há diversos canais no YouTube que podem dar suporte para aprender a manusear uma câmera Canon T7, por exemplo o Canal Kiuro Cine Fotografia, lembrando também que há diversos outros modelos de câmeras que também apresentam ótimos resultados. Independente do modelo escolhido, a criatividade do fotógrafo influenciará diretamente no resultado.

Atualmente um fotógrafo amador pode conseguir resultados melhores com um smartphone do que com um equipamento profissional. As câmeras oferecem benefícios como lentes intercambiáveis, controle de desfoque do fundo, texturas precisas dos objetos, RAW (formato de arquivo de imagem digital que contém todos os dados de uma imagem não compactados e não processados) para capturas mais precisas da realidade. Enquanto os celulares estão com as pessoas o tempo todo, são mais leves, fáceis de transportar, possuem inteligência artificial, atualmente apresentam desfoques belíssimos, embelezamento automático e aplicativos bastante intuitivos para edição (GHEDIN, 2021).

Algo que as pessoas apreciam bastante nas fotografias é o resultado final, a estética faz a diferença na ressignificação dos sentimentos. Enquanto o trabalho oferece

o mesmo aspecto visual diariamente, as fotografias com cores vivas podem colorir o imaginários dos trabalhadores e fornecer uma perspectiva mais positiva da rotina. Isso é possível através da edição das imagens, atualmente até a função de desfoque pode ser incorporada à edição, pode não ficar à altura do desfoque automático de uma câmera profissional todavia alguns aplicativos podem ajudar bastante na elaboração de quadros em boa definição.

Toda edição de imagens consiste em perda de pixels, por isso escolher um bom editor de imagens pode ser fundamental para salvar as fotos na melhor qualidade possível após uma edição. Uma sugestão é o *Lightroom*, por oferecer um controle bastante completo de ferramentas como Luz (exposição, contraste, realces, sombras, brancos, pretos), cor (temperatura, matiz, vibração, saturação), efeitos (textura, clareza, desembalar, vinheta, granulado, etc), detalhe (tornando nítido, redução de ruído, redução ruído de cor, suavidade, etc), ótica (desvio cromático e correções da lente). Havendo vários tutoriais para manuseio do mesmo no YouTube, por isso se torna uma ferramenta prática para edição e que não demanda um conhecimento técnico tão avançado, na verdade esse domínio acontece naturalmente através da repetição, quanto mais imagens você edita em determinado aplicativo mais habilidades você vai ganhando com a combinação de edições.

Um outro aplicativo bastante intuitivo que pode contribuir com o desfoque automático é o PhotoRoom, o qual possibilita um recorte automático do objeto principal da fotografia e o destaca, além de fornecer diversas variedades de fundos automáticos dependendo da intenção do editor. O resultado dele combinado ao Lightroom pode ser bastante poderoso e, se o responsável já tiver experiências com outros aplicativos, é só utilizar pois cada trabalho é diferente um do outro e isso enriquece a diversidade de resultados.

Também há uma variedade de ações fotográficas que podem ser escolhidas conforme o propósito do trabalho. A fotografia também pode promover um espaço de escuta através da elaboração de oficinas fotográficas ou workshops de fotografia, visando abordar trocas de experiências e discussão sobre bem-estar. Uma sugestão é justamente oficinas nas quais os trabalhadores possam trazer imagens do seu dia a dia para discutir o seu trabalho, principais desafios encontrados e dividir um pouco da sua vivência no grupo.

As oficinas de fotografia envolvem que o responsável possa agir como facilitador e problematizador. A partir de fotos realizadas pelos participantes, os líderes podem

desenvolver questões disparadoras conforme as semelhanças encontradas nas imagens. Dessa maneira, emprega-se a fotografia como estratégia metodológica e dispositivo de análise da atividade sob a perspectiva da autoconfrontação, pois os trabalhadores estranham a si mesmo e “se confrontam” com o trabalho ao analisarem as atividades que eles desenvolvem (SILVA; ZAMBONI e BARROS, 2016).

Outro aspecto positivo das oficinas é dividir momentos de lazer com os colegas do grupo. Se a princípio pode ser realizada a troca de desafios da profissão, em outro momento posterior pode ser relevante abordar aspectos positivos com os trabalhadores trazendo por meio de fotografias de que forma conseguem recuperar as energias de dias tão intensos de trabalho. Seja a partir de imagens com a família ou por meio da dança, música, animais de estimação, família. E assim compartilhar com os demais as ferramentas de enfrentamento utilizadas por esses profissionais. Essa atividade também pode contar com as habilidades do psicólogo da instituição, seja como mediador ou até mesmo participante, é de fundamental importância nesses casos realizar os convites para que nenhum trabalhador se sinta desprestigiado.

A rotina dos trabalhadores da saúde pode ser muito intensa e isso impossibilitar oficinas devido a desencontros de agendas profissionais, por isso também existe a possibilidade de ações mais amplas nas quais todos da unidade sintam-se parte integrante de algo maior, isso dá sentido ao trabalho e até contribui minimizando desigualdades sociais do interior do hospital. Por isso, projetos fotográficos podem ser bastante relevantes tanto para o aspecto de captar os trabalhadores durante sua rotina quanto para contribuir academicamente com artigos científicos, registro histórico ou até mesmo valorizar a instituição como fonte de conhecimento.

O projeto fotográfico também pode incluir meios de divulgação das imagens pela unidade, por meio da exposição das imagens em lugares estratégicos por onde os trabalhadores passem e possam se ver nas fotos. Por exemplo, próximo ao ponto eletrônico, refeitório, entrada interna da unidade. Por isso é vital uma comunicação saudável com a gestão da unidade, pois muitas vezes ela pode fornecer recursos para a impressão das imagens, seja adesivando os elevadores, encomendando banners ou até mesmo providenciando impressões coloridas das fotos. O projeto fotográfico denota a capacidade de abranger tanto todos os trabalhadores quanto datas comemorativas, por exemplo imagens de dia das mães, dia do servidor público, setembro amarelo e até mesmo o Natal. Imagine que a disposição das fotos depende muito da intenção, as

fotografias podem tornar-se os adereços de uma árvore de natal artesanal ou compor um enorme coração com a mescla de diversas cartolinas.

O limite do projeto é a criatividade do fotógrafo, por isso objetos são muito bem-vindos para diferenciar setores entre si, decorar as imagens e até mesmo incorporar aspectos do dia a dia de forma divertida. Por exemplo fotos dos trabalhadores segurando um equipamento específico da sua função de forma divertida, com expressões descontraídas por trás das máscaras, escrevendo mensagens positivas na palma de suas luvas, apontando o estetoscópio para a lente, desenhando algo no avental ou fazendo corações através de mãos dadas, dentre outras ideias. Tudo isso torna a fotografia mais espontânea e apresenta o hospital como um lugar de afetos onde os trabalhadores podem expressar emoções, usarem a própria inventividade para criar e ressignificar os desafios do trabalho através dos próprios materiais que veem todos os dias.

Seguindo esses procedimentos e indo ao encontro das bases da psicodinâmica do trabalho, é possível aproveitar o resultado dos projetos e ensaios fotográficos e promover essas experiências em programas de instituições para que os trabalhadores da saúde possam dar outros sentidos para os seus próprios trabalhos. Assim, o hospital teria atividades fixas, formalizadas pela organização, construída pelo próprio coletivo, em prol de mais bem-estar e qualidade de vida. Seria uma forma de trazer mais prazer e saúde para a categoria, de forma mais lúdica e criativa. As fotos poderiam servir de base para que o hospital tivesse a construção de diagnósticos, intervenção, manutenção e avaliação da saúde mental dos trabalhadores. Seja em forma de diferentes oficinas, ensaios, rodas de conversa ou até clínica do trabalho, as fotos seriam a fonte para dar um lugar de fala/escuta para os próprios trabalhadores. As fotos poderiam servir como um ponto pé inicial para iniciar um diálogo sobre as demandas reais do trabalho e acolher as possibilidades de mudanças nos coletivos, para além de somente tirar as fotos e expor no hospital. As próprias oficinas, rodas de conversa e/ou clínicas do trabalho poderiam ser fotografadas e/ou usar ensaios de fotografias para cumprir as demandas, necessidades e desejos dos trabalhadores.

Nesse processo, os trabalhadores poderiam ser estimulados a criar outros projetos e programas em prol da saúde mental nos hospitais, mobilizando diferentes coletivos. Ainda, poderia estender as ações fotográficas com os usuários, outras comunidades e até levar esse conhecimento, essa experiência, para fora do hospital, nos diferentes espaços que os trabalhadores atuam na sociedade. Ao concretizarem essas ações, a organização viabiliza a mobilização subjetiva e abre um espaço mais digno e democrático para que

os trabalhadores dialoguem sobre suas fontes de sofrimento e adoecimento, dando oportunidade para que, nas interações com os coletivos que constituem a realidade do hospital, possam ressignificar essas fontes de sofrimento e adoecimento e encontrarem, juntos, novas formas de conviverem e cooperarem entre si, a partir das fotografias.

Além dos projetos e possíveis ações permanentes formalizadas em programas institucionais, as experiências com as fotografias têm o potencial de, também, serem promovidas para políticas de gestão e gerenciamento de pessoas, pautadas na ética, dignidade e mais saúde para os trabalhadores. As atividades com as fotografias são potentes para articular os diálogos entre os trabalhadores, viabilizando, de forma mais criativa, políticas com diretrizes claras e criadas por eles próprios, cientes que o constante exercício de promoção de saúde no trabalho requer flexibilidade e negociações recorrentes, além da abertura para a escuta dos coletivos dentro das limitações das organizações.

Portanto, as fotografias oportunizam a ressignificação dos sofrimentos e promoção de saúde nos hospitais por viabilizar espaços de reflexão e construção de pensamento crítico nas organizações hospitalares. Logo, a dimensão sociopolítica é viva nas dinâmicas cotidianas nos hospitais, pela fotografia, porque ela é uma potente ferramenta que reconhece o serviços prestados pelos trabalhadores, de diferentes formas, com criatividade e ludicidade. Essas ações com a fotografia articulam conhecimentos da psicologia do trabalho, de forma transdisciplinar, conectando-se com outras áreas de conhecimento, criando condições para projetos, programas e políticas que defendem um trabalho mais prazeroso e saudável. E essas mesmas ações, outrossim, não se limitam aos espaços hospitalares. Elas servem de inspiração e meio concreto para constituírem as práticas de gestão e gerenciamento de pessoas em prol de mais bem-estar, qualidade de vida e saúde mental para diferentes organizações e instituições.

Considerações finais

No âmbito deste trabalho, buscou-se responder às perguntas de pesquisa conforme dois níveis analíticos. O primeiro, com a visão da fotografia como recurso de promoção de saúde mental no trabalho dos trabalhadores da saúde da rede pública. Para tanto, houve levantamento de dados, análise e interpretação de materiais sobre: fotografia, saúde mental, arteterapia e o trabalho de trabalhadores da saúde a partir de

uma perspectiva organizacional com a finalidade de respeitar a vivência dos mesmos sem ignorar as questões hierárquicas e linhas de tensão existentes na realidade hospitalar.

O segundo nível analítico envolveu a perspectiva de elaborar uma proposta metodológica para conceber o quanto a fotografia é potente para a ressignificação do sofrimento de trabalhadores da saúde pública. O que permitiu a vinculação dos trabalhos com as experiências do autor em ações fotográficas realizadas em hospitais públicos da cidade de Manaus-AM e análises teóricas sobre o uso da fotografia durante períodos de elevado estresse físico e mental como durante a pandemia de Covid-19.

As informações sistematizadas resultaram em formulações sobre a relação entre o uso da fotografia na psicologia, mais especificamente na psicologia do trabalho. Identificou-se um interesse da literatura pelos benefícios da arteterapia na expressão corporal, características emocionais e afetivas das pessoas. Uma das limitações do presente estudo é que houve poucos achados acerca da fotografia especificamente no contexto hospitalar público. Todavia tal desafio permitiu que a dissertação apresentasse em linhas gerais o contexto organizacional do SUS, principais desafios enfrentados pelos trabalhadores dos hospitais e a partir disso revelasse a importância da promoção de saúde por meio de uma ferramenta de acesso democrático através do uso de smartphones: a fotografia.

Verificou-se que a fotografia consiste em um processo simples, entretanto repleto de possibilidades conforme pressuposto por Alves (2021), que incluem: o incentivo para o fortalecimento de vínculos gradativamente fragilizados pelo ambiente organizacional, exercício de memória, registro histórico, minimização do sentimento de desprestígio profissional, valorização da subjetividade, protagonismo de setores esquecidos, estimula a criatividade, rompimento da formalidade institucional, bem-estar e incentiva reflexões sobre a realidade.

Enfatiza-se a necessária contextualização dessas informações à realidade do hospital. Cada unidade é como um organismo vivo, cujo funcionamento depende de todos os setores. A partir da leitura de Teixeira *et al.* (2020), compreende-se que fazer pesquisa no Brasil é lidar com a desigualdade social e populações de baixa-renda.

A partir do que foi levantado, é possível reconhecer a potência da fotografia como instrumento de ressignificação das fontes de sofrimento e adoecimento no trabalho dos trabalhadores da saúde. Embora não possa reverter hierarquias e diferenças salariais, a fotografia promove sentido a quem a vê e pode estimular discussões relevantes sobre igualdade, valorização profissional e convivência saudável no trabalho.

O estudo realizado apresentou limitações, a primeira delas foi que as publicações científicas sobre trabalhadores da saúde geralmente abordam médicos e enfermeiros, por isso a presente dissertação traz a contribuição de utilizar a fotografia para reconhecer a importância dos serviços de atenção primária e reforçar o quanto a saúde está associada com a promoção de espaços de construção dialógica para proporcionar motivação espontânea na psique dos trabalhadores de hospitais, os quais precisam deixar suas casas todos os dias para exercer o cuidado a outras pessoas. Outra limitação foi o trabalho não consistir em uma pesquisa empírica. Não foi possível realizar uma pesquisa de campo, dessa maneira recorreu-se a uma amostra bastante reduzida de estudos que relacionavam fotografia à saúde mental, além de poucos materiais específicos sobre ressignificação do sofrimento a partir da arte. A falta de mais pesquisas disponíveis sobre a temática não resultou no impedimento substancial da pesquisa, foi possível estabelecer conexões significativas através de matérias jornalísticas de ações fotográficas realizadas no Brasil nos últimos anos e estudos sobre adoecimento biopsicossocial de trabalhadores da área da saúde.

A dissertação contempla a compreensão das dinâmicas de sofrimento dos trabalhadores da saúde, o ônus do serviço público, o adoecimento biopsicossocial em decorrência do sucateamento do SUS e a intensificação de desafios enfrentados na área de saúde do Brasil. Nesse aspecto, a fotografia promove saúde mental e qualidade de vida de trabalhadores dos hospitais, servindo como instrumento de prevenção e manutenção da autoestima e do autocuidado.

A partir do contexto supracitado, percebemos que a fotografia utiliza a ferramenta tecnológica a favor da comunicação. Em hospitais cujas rotinas são bastante intensas, a fotografia pode ser uma linguagem que auxilia os trabalhadores a se aproximarem e ressignificarem emoções através do olhar. Em um mundo contemporâneo plástico dominado pelas redes sociais, é importante aproximar a máquina digital de forma a atribuir-lhe finalidades mais humanas. E não precisa limitar-se apenas ao hospital, a presente dissertação também convida todos os trabalhadores a repensarem a fotografia como ferramenta de promoção à saúde mental para ajudar trabalhadores de diferentes lugares e espaços a redescobrirem a união e o autocuidado.

A sugestão de um método que sistematize as práticas de fotografia em um hospital ressalta a importância de conhecer bem a unidade onde a ação fotográfica será realizada, compreender que os trabalhadores da saúde perdem batalhas, porém ganham várias outras. E é nesse sentido que o fenômeno saúde-doença de um hospital não precisa

remeter apenas a um discurso-denúncia da angústia dos funcionários, mas estimular a ressignificação do sofrimento através da arte. A fotografia é só mais um meio de elaboração para a manutenção da saúde desses trabalhadores.

Tal trabalho evidenciou a relevância do processo de promoção de saúde mental através de espaços de escuta. O diálogo após realização das imagens pode trazer conteúdos a serem discutidos em oficinas de fotografia, tais assuntos não precisam ser necessariamente sobre a rotina mas focar na troca de experiências entre os trabalhadores. Tal troca pode proporcionar a produção de novos sentidos ao trabalho, de inclusão social, destaque à importância do autocuidado e cidadania. A fotografia também resgata rostos que cada vez mais são invisibilizados dentro da unidade hospitalar e oferece a oportunidade para que se sintam prestigiados.

Ademais, a dissertação reforçou a não obrigatoriedade de câmeras profissionais ou semiprofissionais para a realização de atividades fotográficas em hospitais. Afinal o próprio celular pode fornecer resultados incríveis de acordo com a criatividade e o quanto seu detentor do smartphone explore o seu potencial. Seja por meio de aplicativos de edição ou uma fotografia captada no momento certo, o que muitas vezes demanda uma agilidade de manuseio mais difícil do que um equipamento pesado.

Todas essas sugestões abordam a fotografia como ferramenta de expressão e resgatam a importância de programas que incentivem a inserção da arte nos hospitais, algo já visto tantas vezes na história da humanidade e que pode abrir um leque de possibilidades para outras formas de arteterapia como: música, pintura, contação de histórias, escrita criativa, colagem, dramatização e movimento. A abordagem aqui apresentada teve como foco os hospitais da rede pública, mas a mesma pode abranger hospitais da rede privada, de economia mista, fundações sem fins financeiros e filantrópicas, considerando as adequações do escopo do projeto para as particularidades de cada um destes espaços.

Recomenda-se mais estudos que relacionem arte e psicologia (e suas subáreas) através de atividades que proporcionem benefícios à saúde física e mental tanto dos trabalhadores quanto das pessoas em diferentes contextos. E que vislumbre novos horizontes ao abordar não apenas a realidade de trabalhadores da enfermagem e medicina, mas também deem visibilidade para recepcionistas, vigilantes, agentes administrativos, auxiliares de serviços gerais, maqueiros e trabalhadores da cozinha nas organizações hospitalares.

Referências

ADORNELLAS, Juliana. Hospital de Itumbiara promove ação sobre saúde mental. **Governo do Estado de Goiás**. Secretaria de Estado de Saúde. Goiás, 10 de setembro de 2020. Disponível em: <https://www.saude.go.gov.br/noticias/764-coronavirus/11598-hospital-de-itumbiara-promove-acao-sobre-saude-mental>. Acesso em 30 de novembro de 2022.

ALMEIDA, Raquel Ayres de; MALAGRIS, Lucia Emmanoel Novaes. A prática da psicologia da saúde. **Rev. SBPH**, Rio de Janeiro, v. 14, n. 2, p. 183-202, dez. 2011. Disponível em <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1516-08582011000200012&lng=pt&nrm=iso>. acessos em 02 fev. 2023.

ALVES, Jonathan. A fotografia como ferramenta pedagógica de acessibilidade: ações que promovem reações. *In*: CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO, 7, 2021, Online. **Anais eletrônicos**. Campina Grande: Realize Editora, 2021. Disponível em: <https://editorarealize.com.br/artigo/visualizar/80145>. Acesso em 30 de novembro de 2022.

ALVES, Kisna Yasmin Andrade; RODRIGUES, Cláudia Cristiane Filgueira Martins; SALVADOR, Pétala Tuani Candido de Oliveira; FERNANDES, Pétala Tuani Candido de Oliveira. Uso da fotografia nas pesquisas qualitativas da área da saúde: revisão de escopo. **Ciência & Saúde Coletiva**. Rio Grande do Norte, v. 26, n. 02, pp. 521-529, maio de 2021. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/1413-81232021262.41052020>. Acesso em 30 de novembro de 2022.

ALVARENGA, Rúbia Zanotelli de; MARCHIORI, Flávia Moreira. Saúde mental e qualidade de vida no trabalho. **Revista eletrônica do Tribunal Regional do Trabalho da 9ª Região**, v. 3, n. 28, p. 23-36, mar. 2014.

BARELLI, Cristiane. **A formação de leitores de fotografias como prática integrativa de promoção de saúde na oncologia**. Orientadora: Dra. Fabiane Verardi Burlamaque 2019. 221 f. Tese (Doutorado em Letras) - Universidade de Passo Fundo, Rio Grande do Sul, 2019.

AZEVEDO, Creuza da Silva. Gestão hospitalar: a visão dos diretores de hospitais públicos do município do Rio de Janeiro. **Revista de Administração Pública**, Rio de Janeiro, RJ, v. 29, n. 3, p. 33 a 58, 1995. Disponível em: <https://bibliotecadigital.fgv.br/ojs/index.php/rap/article/view/8182>. Acesso em: 2 fev. 2023.

BARON, Miriam Viviane; KOEPP, Janine; BRANDENBURG, Cristine; CARNEIRO, Marcelo. Atenção terciária à saúde: reflexões através de um olhar fisioterápico, médico e de enfermagem. *IN*: SANTANA, José Rogério; FIALHO, Lia Machado Fiuza; BRANDENBURG, Cristine; SANTOS JÚNIOR, Francisco Fleury Uchoa (orgs.). Educação e Saúde: um olhar interdisciplinar. Fortaleza: EdUECE, 2014. p. 69-90.

BIGATÃO, Marcela dos Reis; PEREIRA, Mariana Barbosa; CAMPOS, Rosana Teresa Onocko. Ressignificando um Castelo: um Olhar sobre Ações de Saúde em Rede. **Psicologia: Ciência e Profissão**, v. 39, 2019. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/1982-3703003185242>. Acesso em 8 de junho de 2022.

BOLONHA, Thaís Regina; GOMES, Geni Col. A resignificação do trabalho: uma das contribuições da clínica psicodinâmica do trabalho. **Revista Uningá**, Paraná, v. 56, n. S1, p. 68-77, 2019. Disponível em <https://revista.uninga.br/uninga/article/view/117>. Acesso em 30 de novembro de 2022.

BRANT, Luiz Carlos; MINAYO-GOMEZ, Carlos. A transformação do sofrimento em adoecimento: do nascimento da clínica à psicodinâmica do trabalho. **Ciência & Saúde Coletiva**, v. 9, n. 1, pp. 213-223, 2019. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S1413-81232004000100021> Acesso em 07 de junho de 2022.

CNS, Conselho Nacional de Saúde. **Resolução nº 466, de 12 de dezembro de 2012**. Brasília, Conselho Nacional da Saúde. Disponível em: <https://conselho.saude.gov.br/resolucoes/2012/Reso466.pdf>. Acesso em 03 de fevereiro de 2023.

CNS, Conselho Nacional de Saúde. **Resolução nº 510, de 07 de abril de 2016**. Brasília, Conselho Nacional da Saúde. Disponível em: <https://conselho.saude.gov.br/resolucoes/2016/Reso510.pdf>. Acesso em 03 de fevereiro de 2023.

CNS, Conselho Nacional de Saúde. **Carta Circular nº 166, de 12 de junho de 2018**. Brasília, Conselho Nacional da Saúde. Disponível em: <http://conselho.saude.gov.br/images/comissoes/conep/documentos/CARTAS/CartaCircular166.pdf>. Acesso em 03 de fevereiro de 2023.

DEJOURS, Christophe. **A loucura do trabalho: estudo de psicopatologia do trabalho**. 6 ed., 224p. São Paulo: Cortez Oboré, 2015.

DIAS, Cledinaldo Aparecido; SIQUEIRA, Marcus Vinícius Soares; MORAIS, Andreia Pereira Silva; GOMES, Kever Bruno Paradelo. Ideologia gerencialista e adoecimento mental no trabalho: uma análise crítica. **Cadernos de Psicologia Social do Trabalho**, São Paulo, v. 22, n. 2, p. 185-198, 2019. Disponível em <https://doi.org/10.11606/issn.1981-0490.v22i2p185-198>. Acesso em 7 de junho de 2022.

DUTRA, Wagner Honorato; CORREA, Rosa Maria. O Grupo Operativo como Instrumento Terapêutico-Pedagógico de Promoção à Saúde Mental no Trabalho. **Psicologia: Ciência e Profissão**, v. 35, n. 2, p. 515-527, 2015. Disponível em http://old.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1414-98932015000200515&lng=pt&nr m=iso. Acesso em 8 de junho de 2022.

FEITOZA, Ana Nery de Castro; SOUTO, Ana Paula Brandão; MAIA, Eveline Lima; VAZ, Cynthia de Oliveira; ARAÚJO, Antonia Kaliny Oliveira de; MACEDO, Andréia Cavalcante. Transtornos mentais associados ao trabalho em saúde no Brasil nos diferentes níveis de atenção: revisão integrativa. *Conjecturas*, [S. l.], v. 22, n. 15, p. 456–470, 2022. Disponível em: <http://conjecturas.org/index.php/edicoes/article/view/1789>. Acesso em: 3 de fevereiro de 2023.

FERNANDES, Milena; VASCONCELOS, Camila. Hospitais estaduais acompanham saúde mental de profissionais durante pandemia. **Portal do Governo do Estado do Ceará**. Seção Coronavírus. Ceará, 27 de janeiro de 2021. Disponível em:

<https://www.ceara.gov.br/2021/01/27/hospitais-estaduais-acompanham-saude-mental-de-profissionais-durante-pandemia/>. Acesso em 30 de novembro de 2022.

FREITAS, Ana Carolina Huff. **A fotografia como recurso terapêutico em um CAPS: a possibilidade de novos olhares**. Orientadora: Heloisa Helena Marcon, 2012. 35 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Residência Integrada em Saúde) – Grupo Hospitalar Conceição – GHC/RS, Porto Alegre, 2012. Disponível em: <http://colecciona-sus.bvs.br/lildbi/docsonline/get.php?id=507>. Acesso em: 13 out. de 2022.

FREUD, Sigmund. **Além do princípio de prazer**. In: Edição Standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud. v. 18. Rio de Janeiro: Imago, 1975.

GAMA, Laene Pedro; MENDES, Ana Magnólia Bezerra; ARAÚJO, Jane Pereira; GALVÃO, Murylo Galy Argôlo; VIEIRA, Fernando de Oliveira. Resignificação do sofrimento: clínica do trabalho em um hospital escola. **Revista Laborativa**, v. 5, n. 1, p. 38-63, 2016. Disponível em: <https://ojs.unesp.br/index.php/rlaborativa/article/view/1410> Acesso em 8 de junho de 2022.

GHEDIN, Rodrigo. Celular com câmera vence câmera fotográfica. **Manual do Usuário**. São Paulo, 14 de novembro de 2021. Disponível em: <https://manualdousuario.net/celulares-cameras/> Acesso em: 10 de janeiro de 2023.

GILIOTTI, Diego. Oficina de fotografia promove reflexões sobre cuidado e humanização em hospital de Osasco (SP). **Oeste 360**. Seção Ação Social. São Paulo, 30 de novembro de 2021. Disponível em: <https://www.oeste360.com/noticia/23310/oficina-de-fotografia-promove-reflexoes-sobre-cuidado-e-humanizacao-em-hospital-de-osasco-sp>. Acesso em 30 de novembro de 2022.

GOMES SOUZA, Ronaldo; MENDES, Ana Magnólia. Resignificação do TEPT a partir da clínica psicodinâmica do trabalho. **Revista Guillermo De Ockham**, Cali, Colômbia, vol. 14, núm. 2, pp. 73–82. 2016. Disponível em: <https://doi.org/10.21500/22563202.2424>. Acesso em 30 de novembro de 2022.

GUIMARAES, Bárbara Emanuely de Brito; BRANCO, Andréa Batista de Andrade Castelo. Trabalho em equipe na atenção básica à saúde: pesquisa bibliográfica. **Revista Psicologia e Saúde**, v. 12, n. 1, p. 143-155, 2020. Disponível em http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S2177-093X2020000100011&lng=pt&nrm=iso. Acesso em 21 de maio de 2022.

HCOR cria Programa de Saúde Mental para colaboradores. **Medicina S/A**, São Paulo, 15 de janeiro de 2021. Seção Saúde Mental. Disponível em: <https://medicinas.com.br/hcor-saude-mental/>. Acesso em 30 de novembro de 2022.

JACQUES, Maria da Graça. O nexos causal em saúde/doença mental no trabalho: uma demanda para a psicologia. **Psicologia & Sociedade**, v. 19, p. 112-119, 2007. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0102-71822007000400015>. Acesso em 7 de junho de 2022.

JUSTIÇA DO TRABALHO. Saúde mental no trabalho: a construção do trabalho seguro depende de todos nós. **Tribunal Superior Do Trabalho**, 28/04/21 Disponível em: https://www.tst.jus.br/noticias/-/asset_publisher/89Dk/content/id/27270562/pop_up. Acesso em: 07 de junho de 2022.

LIMA, Letícia de; PIRES, Denise Elvira Pires de; FORTE, Elaine Cristina Novatzki; MEDEIROS, Francini. Satisfação e insatisfação no trabalho de trabalhadores da saúde da atenção básica. **Escola Anna Nery Revista de Enfermagem**, v. 18, n. 1, pp. 17-24, 2014. Disponível em: <https://doi.org/10.5935/1414-8145.20140003>. Acesso em 7 de junho de 2022

MACHADO, Fernanda Simoneto. Os impactos da rotina de trabalho na saúde mental dos profissionais que atuam em hospitais. **Jornal da Universidade Federal do Rio Grande do Sul**. Seção Saúde. Porto Alegre, 29 de setembro de 2022. Disponível em: <https://www.ufrgs.br/jornal/os-impactos-da-rotina-de-trabalho-na-saude-mental-dos-profissionais-que-atuam-em-hospitais/>. Acesso em 30 de novembro de 2022.

MACHADO, Jardel Pelissari; ZANELLA, Andrea Vieira. Oficinas de fotografia com estudantes universitárias/os: pesquisa e alguns de seus efeitos. **Educação & Sociedade** São 2022, v. 43, 2022. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/ES.239797>. Acesso em 30 de novembro de 2022.

MAGNUS, Cláudio de Negreiros.; MERLO, Álvaro Roberto Crespo. A construção de saúde, entre o servir e a servidão: das relações entre servidores de um hospital psiquiátrico público. **Cadernos de Psicologia Social do Trabalho**, São Paulo, v. 15, n. 2, p. 175-188, 2012. Disponível em http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1516-37172012000200002&lng=pt&nrm=iso. Acesso em 07 junho de 2022.

MARIANO JUNIOR, Fabiano Gomes. **Entre arte e loucura: resignificação de arteterapia como um dispositivo de cuidado para pessoas em sofrimento psíquico**. SILVA, Priscilla Maria de Castro, 2017, 49p. Trabalho de conclusão de curso. Universidade federal de Campina Grande – Santa Catarina. Disponível em: <http://dspace.sti.ufcg.edu.br:8080/jspui/handle/riufcg/15986>. Acesso em 13 de junho de 2022.

MARTELLET, Eloísa Cerutti; MOTTA, Roberta Fin; CARPES, Adriana Dornelles. A saúde mental dos trabalhadores da saúde e o programa de educação pelo trabalho. **Trabalho, Educação e Saúde**, v. 12, p. 637-654, 2014.

MATTOS, Mússio Pirajá; PEREIRA, Beatriz Medrado; GOMES, Daiene Rosa. Um ensaio sobre a cegueira: saúde mental na atenção básica e as disputas diante da pandemia da covid-19. **Saúde e Sociedade**. 2022, v. 31, n. 1. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0104-12902021200783>. Acessado em 14 de dezembro de 2022.

MAURENTE, Vanessa; MARASCHIN, Cleci. Experiência de si e autoria: articulações teóricas a partir de oficinas de fotografia digital em um serviço de saúde mental. **Informática na educação: Teoria & Prática** Porto Alegre, v. 11, n. 2, 2008. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/index.php/InfEducTeoriaPratica/article/view/8158>. Acesso em 30 de novembro de 2022.

MENDES, Ana Magnólia. **Psicodinâmica do Trabalho: Teoria, Método, Pesquisas**. Casa do Psicólogo, São Paulo, 2007.

MONTEIRO, Juliana Santos. A experiência fotográfica na Saúde Mental: vivendo arte cotidiana. **Caderno De Graduação - Ciências Humanas E Sociais** Sergipe, v. 2, n.2, p. 13-30, 2014. Disponível em:

<https://periodicos.set.edu.br/cadernohumanas/article/view/1320>. Acesso em 30 de novembro de 2022.

MONTEIRO, Janine Kieling.; FREITAS, Lêda Gonçalves de; RIBEIRO, Carla Vaz dos Santos; RISSI, Vanessa; GOMES-SOUZA, Ronaldo. Os sentidos do trabalho em tempos de capitalismo neoliberal: como fica a saúde mental do trabalhador? Em Maria Nivalda De Carvalho Freitas, Daiane Rose Cunha Bentivi, Sabrina Cavalcanti Barros, Melissa Machado De Moraes, Raphael Di Lascio e Elisa Amorim Ribeiro. (Org.). **Psicologia Organizacional e do Trabalho: perspectivas teórico-práticas**. São Paulo: Vetor, 2022, v. 1, p. 316-332.

MOREIRA, Amanda Sorce; LUCCA, Sergio Roberto de. Apoio psicossocial e saúde mental dos profissionais de enfermagem no combate ao COVID-19, Revisão integrativa de literatura. **Enfermagem em Foco**, v. 11, n. 1, p. 155-161. 2020. Disponível em: <http://revista.cofen.gov.br/index.php/enfermagem/article/view/3590>. Acesso em 02 de julho de 2021.

MOREIRA, Lisandra Espíndula; ALVES, Júlia Somberg; OLIVEIRA, Renata Ghisleni de; NATIVIDADE, Cláudia. Mulheres em tempos de pandemia: um ensaio teórico-político sobre a casa e a guerra. **Psicologia e Sociedade**, Belo Horizonte, v. 32, 2020. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/psoc/a/93BpjQdGtPs9Lxs9SCSWHkr/?lang=pt#>. Acesso em: 10 out. 2022.

MOREIRA, Marcelo Augusto Gonçalves; SANTOS, Victor Corrêa. **A fotografia como arteterapia no processo de recuperação de mulheres após o tratamento de câncer de mama**. Orientador: Virgínia Rozendo de Brito. 2019. 16f. Trabalho de Conclusão de Curso (Bacharel em Enfermagem) - Centro Universitário do Planalto Central Aparecido dos Santos, 2019.

MENEGHETTI, Francis Kanashiro. O que é um Ensaio-Teórico? **Revista de Administração Contemporânea**, v. 15, n. 2, p. 320-332, 2011.

MV HOSPITALAR. Os segredos da gestão hospitalar descomplicada. **Hospitalar**. Recife, 21 de outubro de 2015. Disponível em: <https://mv.com.br/pt/blog/os-segredos-da-gestao-hospitalar-descomplicada>. Acesso em 28 de janeiro de 2023.

NEVES, Daniela Rabello; NASCIMENTO, Rejane Prevott; FELIX JR, Mauro Sérgio; SILVA, Fabiano Arruda; ANDRADE, Rui Otávio Bernardes. Sentido e significado do trabalho: uma análise dos artigos publicados em periódicos associados à Scientific Periodicals Electronic Library. **Cadernos EBAPE.BR**, v. 16, n. 2, p. 318-330, 2018.

OSORIO, Claudia. Trabalho no hospital: ritmos frenéticos, rotinas entediadas. **Cadernos de Psicologia Social do Trabalho**, São Paulo, v. 9, n. 1, p. 15-32, 2006. Disponível em <https://doi.org/10.11606/issn.1981-0490.v9i1p15-32>. Acesso em 13 de junho de 2022.

PRADO, Amanda Dornelas.; PEIXOTO, Bruna Cristina; DA SILVA, Andréa Mara Bernardes; SCALIA, Luana Araújo Macedo. A saúde mental dos trabalhadores da saúde frente à pandemia do COVID-19: uma revisão integrativa. **Revista Eletrônica Acervo Saúde**, n. 46, p. 4128, 2020.

PROJETO FOTOGRÁFICO homenageia trabalhadores da saúde no combate à Covid-19. **Secretaria de Saúde do Estado do Amazonas**. Seção Notícias. Manaus, 13 de julho de 2020. Disponível em: <http://www.saude.am.gov.br/visualizar-noticia.php?id=4796&fbclid=IwAR1ezG72BKDA6FkWn5PQ5KRRKyHGpBatuiSgkqr2xb9yDW4ndSb-wtecc2GQ>. Acesso em 30 de novembro de 2022.

PRUDENTE, Jéssica. **Tempo, trabalho e fotografia: a produção de práticas reflexivas nos jogos de verdade do trabalho em saúde**. Orientadora: Dra. Jaqueline Tittoni, 2012, 148p. Dissertação de mestrado. Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre.

RIBEIRO, Ana Claudia de Araújo; MATTOS, Beatriz Marques; ANTONELLI, Carolina de Santi; CANÊO, Luiz Carlos; GOULART, Edward. Resiliência no Trabalho Contemporâneo: Promoção e/ou Desgaste da Saúde Mental. **Psicologia em Estudo**, v.16, n. 4, pp. 623-633, 2011.

RIBEIRO, Renata Perfeito; MARTINS, Julia Trevisan; MARZIALE, Maria Helena Palucci; ROBAZZI, Maria Lúcia do Carmo Cruz. O adoecer pelo trabalho na enfermagem: uma revisão integrativa. **Revista da Escola de Enfermagem da USP**, v. 46, n 2, 2012. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1590/S0080-62342012000200031>. Acesso em 07 de junho de 2022.

RODRIGUES, Paulo Henrique de Almeida. Desafios políticos para a consolidação do Sistema Único de Saúde: uma abordagem histórica. **História, Ciências, Saúde-Manguinhos** v. 21, n. 1, pp. 37-60. 2014. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0104-59702014000100003>. Acesso em 07 de junho de 2022.

ROSSI, Helena Costa; AKIMOTO JÚNIOR, Cláudio Kazuo. Neoliberalismo e sujeito: construção da identidade, ressignificação do sofrimento e exclusão da diferença. **Revista da Faculdade de Direito, Universidade de São Paulo**, [S. l.], v. 113, p. 761-774, 2018. DOI: 10.11606/issn.2318-8235.v113i0p761-774. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/rfdusp/article/view/156656>. Acesso em: 10 nov. 2022.

SANTOS, Anelise Schaurich dos; MONTEIRO, Janine Kieling; DILÉLIO, Alitéia Santiago; SOBROSA, Gênesis Marimar Rodrigues; BOROWSKI, Sílvia Batista Von. (2017). **Contexto hospitalar público e privado: impacto no adoecimento mental de trabalhadores da saúde**. Trabalho, Educação e Saúde, 15(2), 421-438. Epub March 06, 2017. <https://dx.doi.org/10.1590/1981-7746-sol00054>

SANTOS, Daniela Cristina. **A promoção da saúde mental no trabalho inserido em processo de gestão de pessoas em uma organização escolar**. Orientadora: Dra. Dalila Alves Correa. Monografia, 2006. (Especialização MBA em Gestão Estratégica de Pessoas) – Universidade Metodista de Piracicaba, Piracicaba.

SANTOS JÚNIOR, Paulo Sérgio dos. **A Fotografia na Psicologia: Metassíntese de Teses e Dissertações Brasileiras**. Orientadora: Dra. Adélia Augusto Souto de Oliveira. 2018. 130 f. Dissertação (Mestrado em Psicologia) Instituto de Psicologia, Programa de Pós-graduação em Psicologia, Universidade Federal de Alagoas, Maceió, 2018.

SCHLINDWEIN, Vanderléia de Lurdes Dal Castel. Apresentação a coletânea: desafios e perspectivas da Psicologia do Trabalho no campo da saúde mental. In: SCHLINDWEIN,

Vanderléia de Lurdes Dal Castel (org). **Saúde mental e trabalho na Amazônia: múltiplas leituras sobre prazer e sofrimento no trabalho**. Rondônia: EDUFRO, 2013 p. 09-14.

SILVA, Alexandre Cavalcante da. Além das Máscaras – um registro fotográfico de trabalhadores da saúde no combate ao novo coronavírus. **Revista Saúde em Redes**, v. 6 n. 2, 2020. Disponível em: <https://doi.org/10.18310/2446-4813.2020v6n2%20Suplemp103-114>. Acesso em 07 de junho de 2022.

SILVA, Karla Rona da; LIMA Marina Dayrell de Oliveira; SILVA, Doane Martins da; MIRANDA, Wanessa Debôrtoli de; PEIXOTO, Bruno César Ferreira; Silva, Débora Luciana Aparecida; ROQUETE, Fátima Ferreira; VIERIA, Adriane. Cuidar de quem cuida: a página do Instagram como tecnologia adicional para promoção da saúde mental dos trabalhadores de serviços de saúde **Brazilian Journal of Development**, Paraná, v. 7, n. 6, p. 56679-56690, 2021. Disponível em <https://doi.org/10.34117/bjdv7n6-194>. Acesso em 07 de junho de 2022.

SILVA-JUNIOR, João Silvestre; FISCHER, Frida Marina. 2015. Afastamento do trabalho por transtornos mentais e estressores psicossociais ocupacionais. **Revista Brasileira de Epidemiologia**. 2015, v. 18, n. 04, p. 735-744. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/1980-5497201500040005>. Acesso em 07 de junho de 2022.

SILVA RIBEIRO, Lahanna da; BRAGÉ, Émilly Giacomelli; DA ROCHA, Débora Gomes; RAMOS, Domênica Bossardi; LACCHINI, Annie Jeanninne Bisso. A fotografia em saúde mental: um olhar para o subjetivo. **Revista eletrônica Saúde Mental Álcool e Drogas (Edição em Português)**. V. 18, n. 1, p. 87-94, 2022. Disponível em <https://www.revistas.usp.br/smad/article/view/170033>. Acesso em 30 de novembro de 2022.

SILVA, Cláudia Ozório da; ZAMBONI, Jésio; BARROS, Maria Elizabeth Barros de. Clínica do trabalho e análise institucional. Rio de Janeiro. Nova Aliança Editora e Papéis, v. 1. 2016.

SOARES, Sandro Vieira; PICOLLI, Ícaro Roberto Azevedo; CASAGRANDE, Jacir Leonir. Pesquisa Bibliográfica, Pesquisa Bibliométrica, Artigo de Revisão e Ensaio Teórico em Administração e Contabilidade. **Administração: Ensino e Pesquisa**, v. 19, n. 2, p. 308-339, 1 maio 2018.

SOUZA, Ronaldo Gomes; MENDES, Ana Magnólia. Ressignificação do TEPT a partir da clínica psicodinâmica do trabalho. **Revista Guillermo de Ockham**, v. 14, n. 2, p. 73-82, 2016.

TEIXEIRA, Carmem Fontes de Sousa; SOARES, Catharina Matos; SOUZA, Ednir Assis; LISBOA, Erik Soares; PINTO, Isabela Cardoso de Matos; ANDRADE, Laíse Rezende de; ESPERIDIÃO, Monique Azevedo. A Saúde Dos Trabalhadores da saúde No Enfrentamento Da Pandemia De Covid-19. **Ciência e Saúde Coletiva**, v. 25 n. 9 p. 3465-3474. 2020. Disponível em: <http://www.cienciaesaudecoletiva.com.br/artigos/a-saude-dos-profissionais-de-saude-no-enfrentamento-da-pandemia-de-covid19/17634?id=17634>. Acesso em 7 de junho de 2022.

TITTONI, Jaqueline; TSCHIEDEL, Rosemarie Gartner. Cotidiano e as artes de trabalhar: O trabalho na atenção básica em saúde. **Psicoperspectivas**, Valparaíso, v. 19, n. 3, p. 143-154, nov. 2020. Disponível em http://www.scielo.cl/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0718-69242020000300143&lng=es&nrm=iso. Acesso em 30 de novembro de 2022.

VALIM, Marília Duarte; JANSEN, Adriane Corrêa; ROBAZZI, Maria Lúcia do Carmo; MARZILENE, Maria Helena Palucci. Adoecimento pelo trabalho de farmacêuticos-bioquímicos: revisão integrativa da literatura. **Revista de Pesquisa: cuidado é fundamental - Online**, v. 6, n. 3, p. 1243-1255, 2014. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.9789/2175-5361.2014v6n3p1243>. Acesso em 07 de junho 2022.

VASCONCELOS, Amanda de; FARIA, José Henrique de. Saúde Mental No Trabalho: Contradições E Limites. **Psicologia & Sociedade**, v. 20, n. 3, p. 453-464, 2008. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0102-71822008000300016>. Acesso em 8 de junho de 2022.

VINAGRE, Barbara. “Além das Máscaras” – Projeto Fotográfico registra Servidores do HPS 28 de agosto na linha frente ao combate a Covid-19. **Cultura Amazônica**. Amazonas, 23 de junho de 2020. Disponível em: <https://www.culturaamazonica.com.br/2020/06/23/alem-das-mascaras-projeto-fotografico-registra-servidores-do-hps-28-de-agosto-na-linha-frente-ao-combate-a-covid-19/?fbclid=IwAR1kP9pseoh02PykJIBAsEDOTMqXpT2bhInQghEr3ft9Xaf6sZEujmdTHjM>. Acesso em 30 de novembro de 2022.

ALÉM DAS MÁSCARAS – um registro fotográfico de trabalhadores da saúde no combate ao novo coronavírus. **Saúde em Rede**. Seção Relato de Experiência. 17 de agosto de 2020. Disponível em: <http://revista.redeunida.org.br/ojs/index.php/redeunida/article/view/3214>. Acesso em 30 de novembro de 2022.

WALTERMANN, Martha Eliana; MORGAN MARTINS, Maria Isabel; GEDRAT, Dóris. Felicidade e trabalho na percepção dos professores do ensino superior: revisão integrativa. **Perspectivas em Diálogo: Revista de Educação e Sociedade**, v. 9, n. 19, p. 175-194. 2022.

ZAMBELLO, Aline Vanessa; SOARES, Alessandra Guimarães; TAUIL, Carlos Eduardo; DONZELLI, Cleivaldo Aparecido; FONTANA, Felipe; CHOTOLLI, Wesley Piante. **Metodologia da Pesquisa e do Trabalho Científico**. Penápolis. FUNEPE, v.1. 2018.